

Guilherme Bada Duzioni

**O CONCEITO DE NOVA EVANGELIZAÇÃO EM JOÃO
PAULO II**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

DUZIONI, Guilherme Bada

O conceito de nova evangelização em João Paulo II/Guilherme Bada Duzioni; orientador, Vitor Galdino Feller, SC, 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

1. Nova Evangelização 2. João Paulo II 3. Ecclesiologia 4. Antropologia

Guilherme Bada Duzioni

O CONCEITO DE NOVA EVANGELIZAÇÃO EM JOÃO PAULO II

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 22 de setembro de 2019.

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vítor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Domingos Volnei Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Vilmar Adelino Vicente
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Dedico este trabalho a todos os homens e mulheres que ofertam suas vidas pela causa da nova evangelização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Uno e Trino, Pai Filho e Espírito Santo.

À intercessão do Imaculado Coração de Maria.

À minha família, Antônio (pai), Rosária (mãe) e Milena (irmã).

Às pessoas amigas que contribuíram direta e indiretamente nesta pesquisa.

Em Cristo e por Cristo, Deus revelou-se plenamente à humanidade e aproximou-se definitivamente dela; e, ao mesmo tempo, em Cristo e por Cristo, o homem adquiriu plena consciência da sua dignidade, da sua elevação, do valor transcendente da própria humanidade e do sentido de sua existência.

João Paulo II

RESUMO

O presente trabalho, por meio do método bibliográfico, busca compreender o conceito de nova evangelização em João Paulo II. Inicialmente se analisa a eclesiologia de Wojtyła. Depois busca-se esclarecer a visão de homem concebida pelo Papa polonês dentro do contexto do mundo contemporâneo marcado por tantos progressos na tecnologia, todavia regressos na defesa da dignidade humana e na busca do bem comum. Por fim, analisar-se-á o conceito de nova evangelização a partir da visão eclesiológica de João Paulo II, cuja essência da sua missão é congregar os homens na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo na Igreja necessitada de renovação para encarnar o evangelho na vida dos homens de cada tempo da história.

Palavras-chave: Igreja. Mundo. Homem. Nova evangelização.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CA - Carta Encíclica *Centesimus Annus*
- CF - Carta às famílias
- CL - Exortação Apostólica *Christifideles Laici*
- DM - Carta Encíclica *Dives in Misericórdia*
- EAF - Exortação Apostólica *Ecclesia in África*
- EAm - Exortação Apostólica *Ecclesia in America*
- EE - Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*
- EEu - Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*
- LE - Carta Encíclica *Laborem Exercens*
- NM - Constituição Apostólica *Novo Millennio Ineunte*
- PB - Constituição Apostólica *Pastor Bonus*
- PDV – Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*
- RH - Carta Encíclica *Redemptor Hominis*
- RM - Carta Encíclica *Redemptoris Missio*
- RMA - Carta Encíclica *Redemptoris Mater*
- SA - Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*
- TM - Carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*
- UUS - Carta Encíclica *Ut Unum Sint*
- VC - Exortação Apostólica *Vita Consecrata*
- VS - Carta Encíclica *Veritatis Splendor*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A CONCEPÇÃO ECLESIOLOGICA DE JOÃO PAULO II	19
1.1 ORIGEM, NATUREZA E FINALIDADE DA IGREJA.....	19
1.1.1 Origem	19
1.1.2 Natureza	20
1.1.3 Finalidade	21
1.2 MISTÉRIO (<i>MISTERYUM, SACRAMENTUM</i> DE UNIÃO ENTRE O HOMEM E DEUS).....	22
1.3 COMUNHÃO.....	25
1.4 MISSÃO.....	31
1.5 IMAGENS-CONCEITOS DA IGREJA.....	34
1.5.1 Novo Povo de Deus	34
1.5.2 Corpo de Cristo	35
1.5.3 Esposa do Cordeiro	35
1.6 MARIA MEMÓRIA DA IGREJA.....	37
2 A REALIDADE DO HOMEM E DO MUNDO CONTEMPORÂNEO EM JOÃO PAULO II	39
2.1 O SER HUMANO, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS..	39
2.2 ALEGRIAS E ANGÚSTIAS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO NA SUA CONJUNTURA EXISTENCIAL.....	43
2.2.1 Alegrias	43
2.2.2 Angústias	45
2.2.3 Trabalho e técnica	53
2.2.3.1 Trabalho.....	53
2.2.3.2 Técnica.....	55
2.2.4 Ateísmo, liberdade e secularismo.	57
2.2.4.1 Ateísmo.....	57
2.2.4.2 Liberdade.....	58
2.2.4.3 Secularismo.....	60
3 A NOVIDADE DA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA	63
3.1 O QUE É A NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	63
3.2 RAZÕES PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	69
3.3 OS SUJEITOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	72
3.4 DESTINATÁRIOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	76
3.5 FINALIDADE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.....	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

No contexto eclesial do século XX, após o grande marco que foi o Concílio Vaticano II, sucederam-se diversas renovações internas e externas na Igreja Católica. Os papas foram grandes renovadores na forma de apresentar o anúncio de Jesus Cristo, Deus encarnado, redentor do gênero humano ao mundo. Destaca-se João Paulo II, que dedicou-se com afinco à renovação da Igreja através de seus 26 anos como bispo de Roma.

O mesmo cunhou e universalizou a expressão nova evangelização. Esta expressão traz consigo um significado novo do anúncio de Jesus. Não é classificada como o cuidado ordinário dos fiéis, nem como o anúncio aos gentios. Expressa uma nova forma de evangelizar, com um novo contexto a ser destinada. Este será o tema da pesquisa a ser realizada.

O que deseja expor João Paulo II com o conceito de nova evangelização à Igreja e ao mundo? Qual era a antiga evangelização, que é absorvida por uma nova? Como se desdobrou no magistério do pontífice o desenvolvimento desta nova visão eclesiológica nova? Tais questionamentos interpelam uma busca pela compreensão do novo termo cunhado. Diversos foram os acréscimos, aprofundamentos que outros estudiosos e sínodos fizeram. Todavia, a presente pesquisa quer entender o conceito nova evangelização à luz dos ensinamentos do Papa João Paulo II.

A fim de desenvolver a compreensão de tal conceito, se percorrerá uma estrutura de três capítulos, a saber: primeiro, entender-se-á visão eclesiológica de João Paulo II. Ele a concebe como Mistério, Comunhão e Missão. Faz uma leitura sobre a origem e a natureza da Igreja e sua razão de existir. A partir desta concepção de Igreja, será possível visualizar os elementos e o modelo fundamental que para Wojtyła motivam a evangelização.

Na sequência será feita uma análise, no segundo capítulo, da realidade do homem contemporâneo. A partir da imagem cristã, concebida pelo Papa polonês, contrapõem-se as alegrias e dramas existenciais que ferem e violam sua dignidade. Tal homem moderno encontra-se numa sociedade que traz problemáticas que interpelam urgentes respostas da Igreja. A sociedade está envolvida por sistemas econômicos diversos, pelo trabalho nas suas condições e contextos novos, pelo secularismo, ateísmo e indiferentismo.

Por fim, expor-se-á a novidade do anúncio de Cristo e sua mensagem para o homem e o mundo moderno. Nesta exposição serão

vistas as controvérsias sobre a origem do termo em João Paulo II. O que de fato esta nova evangelização quer significar e a quem se destina. Esta nova forma de evangelização se faz necessária ou é apenas um apêndice passageiro na Igreja? A desenfreada descristianização atual dos territórios já evangelizados cria um novo fenômeno na modalidade de evangelizar.

Para a elaboração da pesquisa realizada, compreender o conceito de nova evangelização em João Paulo II, se utilizou seus escritos e iniciativas em seu magistério, que trouxeram novidades para a evangelização.

A realidade evangelizadora da Igreja reveste-se de uma nova roupagem a partir da nova evangelização. Como Cristo tornou-se semelhante aos homens, encarnou-se e assumindo cada homem a si, a fim de redimir a humanidade, a Igreja deve percorrer este trajeto. O que se quer neste trabalho é propor um estudo sistemático do significado eclesiológico deste conceito para a Igreja à luz de Wojtyła. Sabe-se que a missão da Igreja para o Papa polonês é “dirigir o olhar do homem e endereçar a consciência e experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo,” (RH 10) urge a resposta de como realizar tal missão.

A relevância desta pesquisa é identificar e compreender esta novidade da nova evangelização para o Papa polonês a fim de renovar a vida eclesial. Quais eram os seus fundamentos? O que trouxe de novidade na forma do anúncio de Jesus Cristo para seu tempo? Apresentando este conceito em João Paulo II, buscar-se-á descobrir a novidade da evangelização contemporânea possibilitada pela Igreja. Será que ela realmente responde às crises atuais? A nova evangelização é chave de continuidade e novidade para o modo de apresentar Cristo e se relacionar com o mundo.

Diante da problematização do tema que esta pesquisa se propõe, surgem possíveis caminhos de angústia ou esperança. Pois, esta nova evangelização conseguirá comportar ou não uma resposta eficaz ao coração do homem moderno? Os novos métodos, o novo ardor e entusiasmos necessários se encontram de forma concreta em andamento ou apenas corresponderão a uma utopia difundida por um papa? Tal conceito traz em João Paulo II uma influência histórica pessoal e eclesial. Uma mente que se fez iluminar pelo Vaticano II, no qual participou e fez intervenções, sendo um fiel promotor. Assim sendo, a nova expressão quer tentar germinar um novo caminho desejado pela própria Igreja.

1 A CONCEPÇÃO ECLESIOLÓGICA DE JOÃO PAULO II

Neste primeiro capítulo, apresentar-se-á a concepção de Igreja desenvolvida por João Paulo II.¹ Aquilo que, segundo ele, por constituir a sua natureza, origem e finalidade é inalienável. As notas que a Igreja mesma confessa de si, o que de fato ela é, e as imagens a que pode ser comparada na visão de Wojtyła serão indagações e norte do desenvolvimento da sua eclesiologia abordadas neste capítulo.

1.1 ORIGEM, NATUREZA E FINALIDADE DA IGREJA

1.1.1 Origem

A Igreja “foi prefigurada desde o início do mundo [...] fundada nos últimos tempos, manifestada pelo efusão do Espírito e será consumada em glória no fim dos séculos.”² Desde o Antigo Testamento Deus elege um povo e com ele faz uma aliança, se manifesta de várias formas. A presença de Deus é um sinal da aliança, que figura a Igreja como seu Novo Povo.³

Na nova aliança instaurada por Jesus, ele mesmo constitui apóstolos e os envia, anunciando sua mensagem, sua morte e ressurreição,

¹ Nasceu em Wadowice, Polónia, em 18 de maio de 1920. Vivenciou o século XX com todos os seus dramas e alegrias. Viveu o tempo das duas grandes guerras mundiais, sofreu com o contexto do comunismo em seu país. Além do cenário social e eclesial que viveu, com 21 anos já era órfão e sem irmãos vivos. Sentiu o apelo de Deus, o chamado vocacional para ser presbítero, construiu um caminho de formação presbiteral de forma clandestina pelo contexto do seu país. O Papa polonês participou de forma efetiva do maior evento católico do século XX: o Concílio Ecumênico Vaticano II. Deste, se tornou continuador em seu magistério episcopal e petrino. [FALCÃO, José Freire. **A vida e o pontificado de João Paulo II**. Brasília: LGE, 2008. p. 11-38.]

² JOÃO PAULO II. A Igreja no desígnio eterno do Pai. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 21-24. p. cit. 22.

³ JOÃO PAULO II. O Povo de Deus no antigo testamento. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 55-58. p. cit. 58.

edificando sobre essa base a Igreja, Reino de Deus, sempre fundamentada em Cristo.⁴

A fundação definitiva do Reino de Deus, do qual a Igreja é princípio e germe, dá-se mediante o sacrifício da cruz e ressurreição. Em pentecostes, começa-se concretamente o Reino de Deus na origem da Igreja. Sua manifestação pela força do Espírito.⁵ Este impele à missão da Igreja instituída para todos os homens. Escancara-se a Igreja marcada com a universalidade já na sua origem. Não para um grupo, mas para todas as línguas, povos e nações.⁶

Um ponto chave da origem e formação da Igreja é a instituição da Eucaristia. No novo banquete Pascal, Cristo se dá como alimento de vida eterna, concedendo à Igreja comungar no coração do Reino de Deus. Nesta ceia, Cristo antecipa sua morte e ressurreição e dá início à Igreja.⁷

1.1.2 Natureza

No caminho de compreensão da razão de ser da própria Igreja, diz Wojtyła que “Cristo instituiu a Igreja como uma comunidade de salvação, na qual se prolonga até ao fim dos séculos a sua mediação salvífica, em virtude do Espírito Santo.”⁸ A Igreja participa da função de Cristo como aquele que é mediador entre Deus e os homens.

Quantos homens que fazem esta negação da mediação da Igreja. Negam a necessidade de ser conduzido quer por um Deus, quer por uma Igreja que o representa. Isto significa a negação de uma mediação para a salvação. Quer dizer que o homem acha que basta a si mesmo, independentemente de Deus e suas leis para o reger. Ao negar esta relação transcendental com Deus, o ser humano cria vínculos e mediações que passam a regê-lo. Estas mediações são criadas pelo próprio homem, como

⁴ JOÃO PAULO II. A obra de Cristo na fundação da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 34-38, p. cit.. 34.

⁵ JOÃO PAULO II. O crescimento do Reino de Deus segundo as parábolas evangélicas. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 43-46, p. cit. 45.

⁶ JOÃO PAULO II. O Espírito Santo na origem da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 47-50, p. cit. 48-49.

⁷ JOÃO PAULO II, 2001, p. 37-38.

⁸ JOÃO PAULO II. Sim à Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 11-15. p. cit. 14.

ideologias, sistemas políticos ateus, a partir de suas próprias paixões e inclinações. Quando o homem percorre o caminho da sua vida e da sociedade, pautado por aquilo que ele mesmo cria desprezando seu Criador, desemboca em várias mazelas para si mesmo. Se torna um escravo de sua própria autossuficiência. Sua liberdade desprendida da suma verdade, torna-se prisão. No entanto, este mesmo homem que desconsidera Deus e sua Igreja acusa a Igreja de Cristo de privar, alienar os homens, fazendo-os viver em inúmeras escravidões.⁹

A Igreja possuiu uma ligação profunda com o Reino de Deus, consolidado e inaugurado por Cristo:

Fortalecida pelo Espírito para realizar a salvação de Cristo na terra, a Igreja é a semente do Reino de Deus e suspira ardentemente pela sua vinda final. A sua identidade e missão são inseparáveis do Reino de Deus, que Jesus anunciou e inaugurou com tudo o que disse e fez, sobretudo com a sua morte e ressurreição.¹⁰

A Igreja mesmo sendo composta de homens e mulheres pecadores, deve ser vista como lugar por excelência do encontro entre Deus e o homem. Ela está presente na terra como família de Deus.¹¹ Lugar “onde o Criador escolheu revelar o mistério da sua vida íntima e realizar o seu plano de salvação do mundo.”¹²

1.1.3 Finalidade

A Igreja tem por finalidade a glória de Deus e a salvação dos homens.¹³ Ela é responsável por favorecer “o acesso das inteligências e

⁹ JOÃO PAULO II, 2001, p. 14-15.

¹⁰ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Ecclesia in Ásia*. Vaticano, 6 nov. 1999. Não paginado; EAs 17. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

¹¹ JOÃO PAULO II. A tarefa missionária da Igreja nas suas relações com o mundo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 173-176. p. cit. 173.

¹² JOÃO PAULO II, 1999, (não paginado) n° 24.

¹³ JOÃO PAULO II. A Igreja no credo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 6-10. p. cit. 8.

das consciências à verdade de Deus, que se revelou em Cristo.”¹⁴ A orientação que ela deve dar para o novo céu e a nova terra é essencial, por meio das realidades visíveis rumo às invisíveis.¹⁵

Cada crente é membro da Igreja que professa. Indissociáveis são suas duas realidades: humana e divina. Tal realidade divino-humana é, em certo sentido, para João Paulo II, a continuação do mistério da encarnação. Argumentado a partir das palavras de Cristo que declarava ser a videira que se ligava aos ramos, bem como Paulo, que usa a imagem de Corpo de Cristo para a Igreja. Ela é como um prolongamento de Cristo.¹⁶

Para o bispo de Roma, é ao ser humano histórico que Cristo veio unir-se, entrelaçar-se com sua existência. A Igreja é responsável para realizar esta união, acolher e anunciar o Evangelho e tem como fim o Reino de Deus, do qual é na terra o gérmen e o início, fazendo-se serva dos homens. O homem é o primeiro e fundamental caminho da Igreja. Esta revela o homem a ele mesmo, suas verdades mais íntimas. Na Igreja os leigos são parte responsável por esta sublime tarefa, em meio à sociedade humana, sendo instrumentos para unir Deus a cada homem que ainda não o encontrou.

A Igreja tem por empenho fundamental possibilitar e gerar a união do homem com Cristo e que essa união possa se atualizar e renovar continuamente em cada tempo, contexto e cultura.¹⁷

1.2 MISTÉRIO (*MISTERYUM, SACRAMENTUM* DE UNIÃO ENTRE O HOMEM E DEUS)

Quando se aplica o termo grego *mysterium*, em latim *sacramentum*, à Igreja, quer dizer que ela não é só sinal, mas também fruto da obra redentora. Contudo não se diz uma identidade substancial com Cristo. Os sacramentos que possui a Igreja são meios de santificação dos crentes, ela congrega estes santificados, que são a finalidade da intervenção de Deus. Aplicando o conceito de sacramento de Trento, a Igreja pode ser entendida como:

¹⁴ JOÃO PAULO II, 2001, p. 14.

¹⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 173.

¹⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 11-12.

¹⁷ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici***. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 97-98; CL 36.

O sinal da salvação realizada por Cristo e destinada a todos os homens mediante a obra do Espírito Santo. O sinal é visível: a Igreja, como comunidade do Povo de Deus, tem caráter visível. O sinal é também eficaz, enquanto a adesão à Igreja proporciona aos homens a união com Cristo e todas as graças necessárias para a salvação.¹⁸

O mistério da Igreja emana para Wojtyła nas várias expressões da comunhão. Sabendo que o Espírito é o seu condutor, a verdade une numa mesma família os povos, enriquece de dons hierárquicos e carismáticos e atualiza o mistério da salvação a cada tempo, realiza no coração humano a recriação em Cristo.¹⁹ “A Igreja, consciente de ser sinal e sacramento universal de salvação e de unidade do gênero humano,”²⁰ coloca o homem no dinamismo do mistério trinitário que a própria Igreja está inserida.

A Igreja é um mistério de fé. O Papa polonês cita Cipriano, designando a Igreja como um povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Na Trindade a Igreja tem vida e consistência. Através da Igreja, pelo batismo, fundamento visível das comunidades dos crentes, cada homem é inserido no mistério trinitário. A Igreja e cada homem é templo da Trindade.²¹ A Igreja, povo reunido na unidade trinitária, é “o sacramento do amor trinitário. Precisamente nisso consiste o seu profundíssimo mistério.”²²

Em João Paulo II a Igreja é mistério divino por que nela se atua a obra divina de salvação para a humanidade. Iniciada em Cristo, suas ações e palavras, morte e ressurreição, confiadas aos apóstolos sob a

¹⁸ JOÃO PAULO II. *A Igreja, mistério e comunhão*. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 67-70. p. cit. 69.

¹⁹ JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Pastor Bonus***. Vaticano: 1985. Não paginado. PB 1. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html> Acesso em: 25 mar. 2019.

²⁰ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Slavorum Apostoli***. Vaticano: 1985. Não paginado. SA 27. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_19850602_slavorum-apostoli.html> Acesso em: 22 mar. 2019.

²¹ JOÃO PAULO II. *A Igreja e o mistério trinitário*. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 51 - 54. p. cit. 52-54.

²² JOÃO PAULO II, 2001, p. 54.

efusão do Espírito. Foi naquele tempo histórico que “o eterno mistério do desígnio divino da salvação da humanidade se revestiu da forma visível da Igreja-novo Povo de Deus.”²³

No mistério da Trindade funda-se o *mysterium ecclesiae*.²⁴ Além do ligame no mistério da Trindade, a Igreja participa do Mistério do Reino de Deus: Desde a história do povo de Israel, prefiguração da Igreja, encontra-se divergência entre a esfera terrena e política e as reinvidicações do reinar de Deus.²⁵ Na Igreja detentora destas duas realidades acontece também este contraste.

É por meio de Cristo que os homens são gerados filhos do Reino, entrando a partir da conversão ao Evangelho e libertando-se das potências do espírito das trevas. O Reino possui um caráter eminentemente espiritual.²⁶ No Novo Testamento, Cristo identifica a si e à sua missão o Reino de Deus. Logo, o Reino de Deus é o Reino de Cristo, que por obra do Espírito se desenvolve e se expande nos homens e no mundo para direcioná-los ao seio do Pai.

Dispôs Jesus o Reino aos apóstolos e àqueles que nele acreditassem. Esclarece o trinômio: Reino de Deus, designado pelo Pai e fim da história humana; Reino messiânico, inaugurado no tempo por Cristo; Povo de Deus convocado na Igreja, os que realizam a busca e o testemunho do Reino.²⁷ Para Wojtyla a Igreja é chamada à existência, a fim de que este Reino perdure e se desenvolva nela e por ela, ao longo da história dos homens sobre a terra.²⁸ O Mistério do Reino cresce na história da humanidade, por uma semente inicial, da Igreja fundada e cultivada por ele ao longo dos séculos.²⁹

O mistério que se contempla por excelência, manifestado na Igreja e envolve a participação do homem no mistério do Reino e da Trindade é de fato, o mistério da Eucaristia. Que segundo o qual “quanto mais a Igreja celebra a Eucaristia, tanto mais a Eucaristia atua, torna presente a Igreja. A Igreja exprime-se na Eucaristia, e a Eucaristia faz a Igreja.”³⁰

²³ JOÃO PAULO II, 2001, p. 67.

²⁴ JOÃO PAULO II. Reino de Deus, Reino de Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 30-33. p. cit. 32.

²⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 27.

²⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 31-33.

²⁷ JOÃO PAULO II, 2001, p. 32-33.

²⁸ JOÃO PAULO II, 2001, p. 35.

²⁹ JOÃO PAULO II, 2001, p. 43.

³⁰ JOÃO PAULO II, 2001, p. 70.

1.3 COMUNHÃO

A Igreja é uma comunidade para a qual todos foram convocados e devem dar uma resposta. Esta convocação insere todos na comunhão divina e prepara na esperança para seu destino escatológico. Nesta comunhão da Igreja participam os fiéis que na terra seguem o Cristo, os que se purificam no purgatório e os santos no céu.³¹ “Na Igreja do céu, a comunhão da santidade ilumina-se na glória de Cristo ressuscitado.”³²

A unidade é uma propriedade coessencial da Igreja. Todas as Igrejas particulares também o são, enquanto participam desta unidade. Esta, gerada em pentecostes, vem contrapor a dispersão gerada pela torre de Babel. O Espírito Santo é o princípio e fundamento da sua unidade.³³

Santa se diz da Igreja em vista da sua origem divina. Cristo a instituiu e enviou o Espírito como fonte inexaurível de santidade. Os meios usados para realizar a finalidade de existir da Igreja que contém em si a santidade de Cristo e do Espírito Santo, são eles: “o ensinamento de Cristo [...] os sete sacramentos e todo o culto, especialmente da Eucaristia, a vida de oração.”³⁴

Sabe-se que na história nem todos os membros da Igreja foram santos, ela reconhece e indica o exemplo de muitos santos que corresponderam à graça. Embora na realidade visível institucional seja dirigida por leigos ou eclesiásticos vê-se a pecabilidade e as imperfeições.³⁵

Seu chamado não se dá só individualmente mas, também com a finalidade de constituir um povo, que os filhos dispersos congreguem em uma só unidade. No sacrifício de Cristo na cruz se encontra a gênese da Igreja enquanto comunidade de salvação. Ao salvar a humanidade na Cruz, revoga a fragmentação dos povos em um só, tornando os homens filhos no Filho.³⁶ Na Trindade una e indivisível está a base de todos os empreendimentos da Igreja para congregar nela novamente a unidade das

³¹ JOÃO PAULO II. O nome da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 16-20. p. cit. 18-20.

³² JOÃO PAULO II. A Igreja mistério de comunhão na santidade. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 97-100. p. cit. 100.

³³ JOÃO PAULO II, 2001, p. 6-7.

³⁴ JOÃO PAULO II, 2001, p. 8.

³⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 12.

³⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 23-24.

rupturas históricas ocorridas, fundada na oração trinitária de Cristo, a fim de que todos sejam um.³⁷

Como se dá o início nessa comunhão sagrada? É pelo batismo que o homem entra na Igreja Corpo de Cristo, onde une-se a Cristo. O batismo é a porta pela qual Deus atua na alma humana, imprime no novo cristão um selo, chamado caráter. É sinal indelével e espiritual de pertença a Igreja, a Cristo, e origina-se o processo de santificação por excelência alimentado pela vida sacramental. Por ações e em verdade torna-se filho de Deus.³⁸

No processo de comunhão realiza-se o sacramento da Crisma que confere a força do Espírito para se continuar a dar testemunho autêntico e eficaz de Cristo. É uma energia superior para professar, difundir e defender a fé, por obras e palavras.³⁹ Participante na Eucaristia, onde encontra-se a fonte e a convergência da vida cristã, o fiel une-se intimamente a Cristo, fonte da comunhão da Igreja. Neste necessário sacramento, obtém o fiel o princípio da vida eterna, que penetra e circula na sua vida.⁴⁰

No percurso humano, o pecado quebra a comunhão com Deus e com a Igreja. O conceito enfraquecido de pecado e o desprezo da mediação da Igreja, na reconciliação com Deus, atinge demais os homens hoje. Ratifica Wojtyla, pela sagrada Escritura, que a mediação da Igreja foi confiada por seu fundador. Ou seja, o perdão é pedido a Deus e dado, não independente da Igreja. E, ao pecar, o cristão empobrece e fere a Igreja; ao reconciliar-se com Deus, o faz também com a Igreja, e toda a humanidade cuja harmonia foi violada. Ao privar-se da vida eterna pelo pecado, volta fortalecido e purificado para corresponder mais às exigências do amor divino.⁴¹

³⁷ JOÃO PAULO II, 2001, p. 53.

³⁸ JOÃO PAULO II. O batismo na Igreja comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 104-108. p. cit. 106-108.

³⁹ JOÃO PAULO II. A confirmação na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 109-112. p. cit. 109-112.

⁴⁰ JOÃO PAULO II. A Eucaristia na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 113-116. p. cit.. 113-114.

⁴¹ JOÃO PAULO II. A Penitência na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 117-121. p. cit. 118-120.

Nos momentos de enfermidade, Cristo por meio do sacerdote, pela unção dos enfermos, comunica a força interior para suportar, na fé, a doença e vencer às tentações do Diabo. Perdoa os pecados, dá as vezes a cura e pode preparar a passagem serena para o céu.⁴²

Pelo sacramento do matrimônio, contempla-se o amor esponsal de Cristo e sua esposa. Neste sacramento manifesta-se de modo especial o exercício do sacerdócio de batizados e confirmados. Acontece a santificação mútua, os cônjuges participam na obra e no amor que inspira a obra do amor criador por meio da geração dos seus filhos. Através da procriação, perpetuam o gênero humano e educam seus filhos na fé, e fazem de seus lares uma igreja doméstica.⁴³

Através do ministério sacerdotal, oriundo das profundezas do amor do Pai, o sacerdote é chamado a ser instrumento em Cristo, da união de Deus com seu Povo. Por meio da consagração, através do sacramento da ordem, o sacerdote “é enviado pelo Pai, através de Jesus Cristo, ao qual como Cabeça e Pastor do seu povo é configurado, de modo especial, para viver e atuar, na força do Espírito Santo.”⁴⁴ Em vista da salvação do ser humano espalhado por todo o mundo.

Para João Paulo II, nos sacramentos, a Igreja revela ao homem o sentido de sua própria existência de modo vivo e vital.⁴⁵ Por eles, emana uma grande comunidade sacerdotal. Em Wojtyła é clara a dependência da Igreja para a salvação do homem. Neste sentido, referindo-se a Tomás de Aquino, afirma “não pode haver salvação sem a unidade do corpo místico de Cristo: ninguém pode se salvar sem a Igreja.”⁴⁶

O Concílio será sua base de entendimento eclesiológico, principalmente pela constituição dogmática *Lumen Gentium*. Parte o Papa da ideia de uma eclesiologia de comunhão como central e fundamental

⁴² JOÃO PAULO II. A Unção dos enfermos na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 122-125. p. cit. 124-125.

⁴³ JOÃO PAULO II. O Matrimônio na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 126-129. p. cit. 127-129.

⁴⁴ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis**. 8º ed. São Paulo: Paulinas. 1992. p. 33-36; PDV 12.

⁴⁵ JOÃO PAULO II. Na Igreja, comunidade profética, o testemunho da vida em Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 134-137. p. cit. 135.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 120.

do Concílio.⁴⁷ Todos os cristãos estão unidos de forma invisível pela ação do Espírito na Igreja, e de forma visível se unem pela doutrina dos apóstolos, os sacramentos e a ordem hierárquica.⁴⁸

O mistério de comunhão da Igreja está fundado na íntima comunhão com a Trindade, nela a Igreja encontra sua fonte e modelo de comunhão. Por ser radicada no amor que Cristo manifestou por ela, a Igreja é mistério de amor, em vista desta comunhão. Todas as relações inter-humanas e eclesiais devem espelhar-se e gerar o seu amor em cada um dos crentes. Na Eucaristia e mediante ela, contempla-se o amor perpetuado de Deus e a união em Cristo de todas as coisas.⁴⁹

A Eucaristia será sempre a expressão de comunhão da e na Igreja, desde a origem é a marca da comunhão dos apóstolos, das primeiras comunidades. Ao traçar um caminho para o novo milênio, João Paulo II dá ênfase à Eucaristia, como fonte e sacramento de unidade.⁵⁰ A alma da comunhão é a oração que abre os corações a configurar-se aos desígnios de Deus. Todos são chamados à comunhão com Cristo e na Igreja encontra-se o lugar desta congregação.⁵¹ Em Jerusalém quando se realizou o pentecostes, “a Igreja recebeu a forma perfeita, ainda que embrionária de sua unidade; e a tarefa de vivê-la no labor da história na medida do que foi realizado.”⁵²

Na base trinitária da comunhão da Igreja, como acima citado, os seus membros não podem se calar do que veem e ouvem da parte de Deus

⁴⁷ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. 15° ed. São Paulo: Paulinas. 2003. p. 47-48; EE 34.

⁴⁸ JOÃO PAULO II, 2003, p. 48-49; EE 35.

⁴⁹ JOÃO PAULO II. A Igreja, mistério de comunhão fundado no amor. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 86-88. p. cit. 87-88.

⁵⁰ JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica *Novo Millennio Ineunte***. Vaticano: 2001. Não paginado. NM 25. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁵¹ JOÃO PAULO II. O primeiro germen da comunhão eclesial. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 89-92. p. cit. 91-92.

⁵² JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II na última reunião ecumênica da Basílica de San Nicola**. Bari, 26 fev. 1984. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paulii/it/speeches/1984/february/documents/hf_jp-ii_spe_19840226_incontro-ecumenico.html> Acesso em 18 mar. 2019.

e devem sair para integrar outros a esta comunhão, testemunhando o amor das comunidades primitivas em que todos tinham uma só alma e um só coração. Logo, entre as Igrejas deve haver um intercâmbio de bens espirituais e materiais, pois formam um só corpo.⁵³

Outro aspecto que é sinal da comunhão, oriundo da aliança de Deus, é a “chamada à santidade [...] parte da essência mesma da Aliança de Deus com os homens [...] a Igreja como comunhão na santidade de Deus e, por conseguinte, comunhão dos santos.”⁵⁴ A resposta do povo convocado por Deus é a vida de santidade, amparada e sustentada por Cristo e pelo Espírito. Passar da vida de pecado e morte, para modelo de virtudes e deixar-se santificar pelo Espírito que habita e santifica o ser humano. Tal santidade se traduz também para João Paulo II no empenho apostólico pela salvação de toda a humanidade em que Cristo veio fazer um único povo.⁵⁵

Portanto,

a primeira finalidade da Igreja é ser o sacramento da união íntima da pessoa humana com Deus, e, porque a comunhão das pessoas entre si está enraizada nesta união com Deus, a Igreja é também o sacramento da unidade da raça humana. Na Igreja, esta unidade já começou; e ao mesmo tempo ela é “sinal e instrumento” da plena realização da unidade que há de vir.⁵⁶

Para João Paulo II é preciosa esta Igreja que se revela como comunhão. Na Igreja católica, embora sua fragilidade humana, preserva-se todos os bens que Deus quis dotar a sua Igreja.⁵⁷ Para a Igreja católica a comunhão dos cristãos é a graça pela qual Deus torna participante de sua própria comunhão. Por isso, crer em Cristo significa obrigatoriamente

⁵³ JOÃO PAULO II. A Igreja-comunhão no período após o Pentecostes. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 93-96. p. cit. 95-96.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, 2001, p. 97.

⁵⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 99.

⁵⁶ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Ecclesia in África***. Vaticano, 14 set. 1995. Não paginado. EAf 25. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html>. Acesso em: 24 mar. 2019.

⁵⁷ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ut Unum Sint***. 3 ed. São Paulo: Paulinas. 1995. p. 17; UUS 11.

querer a unidade de todos os cristãos, logo querer a Igreja, compreende corresponder ao desígnio do Pai que todos sejam um.⁵⁸

No entanto, se vê na história e sente-se nos dias hodiernos, a grave ferida da divisão na Igreja de Cristo. A evangelização para o novo milênio é expressa pelo Papa com uma urgência no empenho ecumênico: que todos sejam um. Como conceber a divisão na Igreja de Jesus Cristo? Um sinal grave na evangelização é a divisão e os conflitos entre os cristãos que seguem alguém que pregou a unidade.⁵⁹ O papa apela para uma comunhão eclesial entre as igrejas e a validade do anúncio inculturado nas diversas culturas.⁶⁰

A comunhão visível é o louvor da glória de Deus e o trabalho desempenhado para cumprir seu plano de salvação.⁶¹ O “objetivo do movimento ecumênico é esta unidade visível de todos os batizados,”⁶² esta unidade almejada não é anulação de identidades eclesiais, mas “o encontro na verdade e no amor, que nos são dados pelo Espírito.”⁶³ A Igreja de Cristo portanto, subsiste na Igreja católica. A plena unidade “somente acontecerá quando todos participarem da plenitude dos meios de salvação que Cristo confiou à sua Igreja.”⁶⁴

A diversidade cultural, linguística, étnica não deve ferir ou ser desculpa para o intento evangélico da unidade entre os cristãos. Inclusive com a unidade visível da Igreja católica.⁶⁵ Vários são os elementos que ligam para a unidade as Igrejas e comunidades eclesiais: A palavra de Deus é um meio poderoso de unidade, bem como, as implicações do batismo comum.⁶⁶ Os santos, que testemunharam a fé, advém de todas as Igrejas e comunidades eclesiais que abriram-se na comunhão da salvação.⁶⁷ Este anseio de unidade emana do próprio ser da comunidade cristã é algo essencial.⁶⁸ É fidelidade ao seguimento do evangelho querer a unidade ferida.

⁵⁸ JOÃO PAULO II, 1995, p. 16; UUS 9.

⁵⁹ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; SA 16.

⁶⁰ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado. RM 26.

⁶¹ JOÃO PAULO II, 1995, p. 108; UUS 84.

⁶² JOÃO PAULO II, 1995, p. 99. UUS 77.

⁶³ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; AS 27.

⁶⁴ JOÃO PAULO II, 1995, p. 109; UUS 86.

⁶⁵ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; AS 13.

⁶⁶ JOÃO PAULO II, 1995, p. 87; UUS 66.

⁶⁷ JOÃO PAULO II, 1995, p. 107; UUS 84.

⁶⁸ JOÃO PAULO II, 1995, p. 63; UUS 49.

Alguns pontos necessitam ampliar o estudo e diálogo para que com amor à verdade, alcancem a comunhão na Igreja de Cristo. Tais como: a relação entre sagrada Escritura e Tradição; Eucaristia; a Ordem; o Magistério e a Virgem Maria.⁶⁹ É “no ministério do Bispo de Roma, o sinal visível e o garante da unidade, que constitui uma dificuldade para a maior parte dos cristãos.”⁷⁰

É fonte e graça para a Igreja de Cristo a plena comunhão entre as Igrejas cristãs, como a Igreja do Ocidente e do Oriente.⁷¹ Portanto, incansável era o empenho de Wojtyła para que todos aqueles que confessam a fé em Jesus possam chegar à plena comunhão.⁷²

A unidade na Igreja é um tesouro precioso, que deve ser conservado, defendido, protegido, promovido e continuamente realizado com a colaboração zelosa de todos, e de modo especial daqueles que, por sua vez, são o visível princípio e fundamento de unidade nas suas Igrejas particulares.⁷³

O desafio da ruptura que surgiu na modernidade, deve ser enfrentado com fidelidade a Cristo, que pediu que todos sejam um para que o mundo creia. Esta unidade é um sinal de credibilidade para que o mundo se predisponha a acolher a salvação.

1.4 MISSÃO

Além do empenho ecumênico, à luz do Concílio, houve um despertar da autoconsciência da Igreja, através de uma renovação interior, a fim de dar-lhe um novo impulso missionário, como expressou Wojtyła, em vista do mandato de Jesus para anunciar a salvação. O sagrado Concílio deu início a um tempo de primavera e renovação.⁷⁴

⁶⁹ JOÃO PAULO II, 1995, p. 10; UUS 79.

⁷⁰ JOÃO PAULO II, 1995, p. 112; UUS 88.

⁷¹ JOÃO PAULO II, 1995, p. 73; UUS 56.

⁷² JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniente*. Vaticano: 10 nov. 1994. Não paginado. TMA 16. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html> Acesso em: 15 mar. 2019.

⁷³ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; PB 11.

⁷⁴ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; SA 16.

Recorda-se a própria Igreja que desde sua existência histórica já nascia com um caráter católico. Tal termo quer dizer universal, significa estar aberta a toda a humanidade. Transpõe os limites das nações, línguas, povos, culturas, ela é enviada por seu fundador à todas as culturas, ponto de partida para o entendimento de porquê a Igreja é missão.⁷⁵

Segundo Wojtyła, a atividade missionária é o prolongamento ou dilatação histórica “da missão do Filho e do Espírito Santo, e por conseguinte pode-se dizer uma participação vital, em forma de associação ministerial na ação trinitária na história humana.”⁷⁶ Deus disse à humanidade quem é, deu-se a conhecer, no filho se revela a imagem do Deus invisível. Portanto, a “auto-revelação definitiva de Deus é o motivo fundamental pelo qual a Igreja é, por sua natureza, missionária.”⁷⁷ A *kenosis* de Deus, o sair de si para deixar-se encontrar pelo homem, alcançado por seu amor, torna-se um arauto do amor.

A diversidade desde pentecostes expressa claramente que a “universalidade da missão entra no coração dos discípulos com o dom do Espírito Santo [...] expressão de uma propriedade que pertence a sua própria essência.”⁷⁸ O movimento é trinitário: pois Deus Pai tem um coração “universal e estabelece, mediante o Filho e no Espírito, um culto universal [...] a Igreja é católica porque o Pai abre sua paternidade à humanidade inteira.”⁷⁹

A Igreja é apostólica, pois foi edificada sob os apóstolos. Deles mantém a Tradição e a conservam os seus sucessores, assistidos pelo Espírito. Os fiéis vinculados através dos apóstolos, com Cristo, participam desta apostolicidade.⁸⁰ Ou seja, o mandato missionário é constitutivo de todo o fiel batizado, inserido no corpo místico de Cristo.

A universalidade é comunicada à Igreja pelo Espírito, fazendo transcender todo o particularismo étnico, nacional e religioso; para ingressar no plano da salvação, Cristo se deu como o mediador e salvador de toda a humanidade. Em João Paulo II devem estar unidas duas

⁷⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 9.

⁷⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 23.

⁷⁷ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 5.

⁷⁸ JOÃO PAULO II. A missão universal da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 146-149. p. cit. 147.

⁷⁹ JOÃO PAULO II, 2001, p. 148.

⁸⁰ JOÃO PAULO II, 2001, p. 9-10.

verdades: “a real possibilidade de salvação em Cristo para todos os homens e a necessidade da Igreja para essa salvação.”⁸¹

A catolicidade do plano divino da salvação, a natureza missionária da Igreja e a responsabilidade de todos e cada um na Igreja por esta tarefa é estrutura de um novo compromisso.⁸² Assim sintetiza o Papa polonês referindo-se ao ardor pela causa missionária na Igreja:

A catolicidade da Igreja manifesta-se também na corresponsabilidade ativa e na generosa colaboração de todos a favor do bem comum. A Igreja implementa sua universalidade em toda parte, acolhendo, unindo e exaltando de uma maneira que é, com seu cuidado materno, todo valor humano autêntico. Ao mesmo tempo, trabalha em todas as latitudes e longitudes geográficas e em todas as situações históricas para ganhar cada homem e todos os homens para Deus, para uni-los juntos e com ele em sua verdade e em seu amor. Todo homem, toda nação, toda cultura e civilização têm seu próprio papel a desempenhar e seu próprio lugar no misterioso plano de Deus e na história universal da salvação.⁸³

A missão *ad gentes*, ou seja, para os que ainda não receberam o anúncio de Cristo, é uma tarefa inalienável para a Igreja. Todas as igrejas particulares são responsáveis pelo anúncio de Jesus a quem o desconhece, elas devem representar mais perfeitamente a Igreja universal, inclusive na consciência de ser enviada aos que não conhecem o Cristo.⁸⁴ Mesmo com desafios locais, a abertura universal é um caminho da nova evangelização.

A Igreja para desempenhar sua missão evangelizadora no mundo, se depara com três campos diversos, a saber: 1ª *missio ad gentes*, aos que desconhecem Jesus. Não impondo Cristo, mas atraindo através do evangelho e do testemunho; 2ª tem-se as comunidades eclesiais sólidas e estruturadas. Neste campo se contempla o dinamismo vivo do pastoreio sobre aqueles que caminham na fé; 3ª circunstância intermediária

⁸¹ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 9.

⁸² JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAf 9.

⁸³ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; SA 19.

⁸⁴ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 35.

apresentada, são os lugares onde os batizados se desfizeram da sua fé⁸⁵ “não se reconhecendo como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma nova evangelização.”⁸⁶ No caminho missionário a Igreja encontra imagens-conceitos dela mesma que ajudam a clarificar sua própria identidade e missão. A seguir serão elucidadas cada uma delas.

1.5 IMAGENS-CONCEITOS DA IGREJA

João Paulo II em seus escritos trabalha algumas imagens com destaque, referindo-se à Igreja. Estas trazem consigo um significado eclesiológico importantíssimo. As imagens conceito são Novo Povo de Deus, Corpo de Cristo, Esposa.

1.5.1 Novo Povo de Deus

A Igreja surge na realidade histórica do povo de Deus da antiga aliança. Agora ela é o povo novo, criado em Cristo e em virtude do Espírito. E o que Deus quer deste povo? Que todos o conheçam na verdade e o serviam na santidade.⁸⁷ Este conceito do povo da antiga aliança é uma continuidade e uma novidade no novo povo. Neste, os limites de um só povo são transpostos para todos os povos, línguas e nações.⁸⁸

A participação na missão de Jesus, da parte dos membros do povo de Deus, não se dá só pela vida ministerial e sacramental, há também a via dos carismas, onde o único Espírito de Deus suscita e promove o desenvolvimento singular para cada um; de forma pessoal cada cristão traz um contributo que o outro não pode dar. Muitos conforme a história, suscitados por Deus para renovar a vida da comunidade eclesial. Estes

⁸⁵ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Vaticano, 7 dez. 1990. Não paginado; RM 32-33. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁸⁶ JOÃO PAULO II, 1990.

⁸⁷ JOÃO PAULO II. A Igreja, Povo de Deus. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 59-62. p. cit. 59.

⁸⁸ JOÃO PAULO II, 2001, p. 60-61.

carismas de que é portadora a Igreja são discernidos pelo magistério. Não deve haver oposição entre carisma e instituição, pois a Igreja é comunidade de carismas e é por eles animada.⁸⁹

É necessário que os fiéis leigos com profunda estima dos seus pastores sintam-se membros ativos do Povo de Deus, tornando-se arautos de Cristo no mundo. Somente com eles a Igreja poderá dar passos para o futuro.⁹⁰

1.5.2 Corpo de Cristo

A imagem do Corpo é atribuída à Igreja. Enquanto o conceito novo povo de Deus evidência a multiplicidade, este à ênfase na unidade da multiplicidade em Cristo. Se é enaltecido a solidariedade mútua, a exemplo do corpo humano, a todas as comunidades eclesiais. De tal forma que cada um possui funções variadas mas geram uma unidade. O crescer deste corpo se dá a por meio de Cristo e para Cristo. Este é a cabeça da Igreja que é seu corpo, como ensina Paulo.⁹¹

Mesmo que o batismo seja o ingresso no Corpo de Cristo e o vínculo mais perfeito se desenvolve com a confirmação, somente “com a Eucaristia, pela qual o batizado insere-se plenamente no Corpo de Cristo.”⁹² Nela se vê a unidade do Corpo por excelência, formando um só corpo, por comungar de um só Pão. À luz do ensinamento de Paulo, o pontífice afirma que a “Eucaristia, como sacramento do Corpo e do Sangue da pessoa de Cristo, forma a Igreja que é o corpo visível de Cristo, na unidade de todos os membros da comunidade eclesial.”⁹³

1.5.3 Esposa do Cordeiro

⁸⁹ JOÃO PAULO II. A Igreja é Comunidade de carismas. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 142-145. p. cit. 143-145.

⁹⁰ JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Ecclesia in América***. Vaticano, 22 jan. 1999. Não paginado; EAm 44. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html>. Acesso em: 24 mar. 2019.

⁹¹ JOÃO PAULO II. A Igreja, Corpo de Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51** Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 63-66. p. cit. 64-65.

⁹² JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; Eaf 34.

⁹³ JOÃO PAULO II, 2001, p. 69.

Wojtyla reporta-se à Sagrada Escritura interpretando a figura da Igreja como esposa do Cordeiro. Os homens congregados na Igreja-Esposa desposarão e serão desposados pelo Filho. Esta imagem conceito desde os israelitas guarda a relação de Deus com seu povo, enquanto um laço esponsal, que detém uma antecipação do que será a união esponsal de Cristo e sua esposa, a Igreja.

Em Cristo se consolida as promessas do esposo esperado. João Paulo II aponta as passagens do Novo Testamento que trazem à luz a esperança antiga, realçando a identidade de Cristo. Quando responde Jesus aos discípulos em Marcos sobre o jejum, diz que enquanto o esposo estiver, não farão jejum.

A comparação em Mateus do Reino dos céus como um banquete que um rei preparou para seu filho. Onde todos são convidados e devem se preparar dignamente para dele tomar parte. A analogia esponsal ainda em Mateus, na parábola das virgens prudentes, aguardar o esposo para começar a festa. A disposição interior, a vigilância e o empenho fervoroso na expectativa do esposo deve impregnar a esposa.⁹⁴

O amor esponsal e redentor de Cristo para com a esposa é precedente a ela mesma, Cristo a amou e derramou seu amor nela, podendo ela corresponder em virtude da graça. “Esta é a essência do mistério da Igreja esposa de Cristo Redentor.”⁹⁵ Em virtude do Espírito, a Esposa pertence a Cristo, e pelo mesmo Espírito é santificada e pode responder ao Amor com o mesmo amor.⁹⁶

Vale destacar que esta esposa expressa seu amor esponsal a Cristo, através de sua fidelidade ao esposo. A fé da Igreja que gera fidelidade ao esposo é uma prova de seu amor.⁹⁷ Um sacramento que realiza constantemente a união do homem com Deus, da Igreja com seu esposo é a Eucaristia, esta é “sacramento das núpcias esponsais de Cristo com a humanidade, na Igreja.”⁹⁸

⁹⁴ JOÃO PAULO II. A Igreja delineada como Esposa pelos Evangelhos. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 75-78. p. cit. 75-78.

⁹⁵ JOÃO PAULO II. A Igreja descrita por São Paulo como Esposa. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 79-82. p. cit. 80.

⁹⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 82.

⁹⁷ JOÃO PAULO II. Dimensão histórica e projeção escatológica da união esponsal da Igreja com Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001. p. 83-85. p. cit. 84.

⁹⁸ JOÃO PAULO II, 2001, p. 39-40.

1.6 MARIA MEMÓRIA DA IGREJA⁹⁹

Maria é sinal da unidade, desde a anunciação, a visitação, a apresentação no templo, o encontro no templo, o início dos sinais na vida oculta, na paixão, na unidade dos discípulos dispersos após a paixão. Ela exala a comunhão da Igreja, que se faz na mais íntima união com Cristo.¹⁰⁰ No mistério Eucarístico, “o amém que cada fiel pronuncia quando recebe o corpo do Senhor, Maria antecipou, no mistério da encarnação, a fê eucarística da Igreja.”¹⁰¹

Na virgem de Nazaré se dá

o início e a figura da Igreja-esposa da Nova aliança [...] o Esposo já está à obra. E ao lado d'Ele começa a delinear-se a figura da esposa da nova aliança, presente em Maria e naqueles discípulos no banquete nupcial.¹⁰²

A mãe de Deus é figura da Igreja porque guarda ao mesmo tempo o caráter virginal e maternal. Reportando ao histórico de Israel que sempre cai em infidelidades ao seu Deus. Inúmeras vezes profetas nominavam como pecado grave de prostituição com outros deuses. Aguardava Maria, uma aliança que todo o povo de Israel ansiava, em que Deus seria o Deus do povo, e o povo seria interiormente do Senhor.¹⁰³

Maria figura e precede a maternidade da Igreja, ela é introduzida no mistério de Cristo mediante a Anunciação.¹⁰⁴ Torna-se mãe do gênero humano, na compaixão do Calvário recebeu os filhos da Igreja. Está na vida da Igreja e contribui eficazmente para o nascimento espiritual de

⁹⁹ JOÃO PAULO II. **Memória e identidade**: Colóquios na transição do Milênio. Tradução não consta. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005. p. 170.

¹⁰⁰ JOÃO PAULO II, 2001, p. 92.

¹⁰¹ MONDIN, Battista. **Dicionário enciclopédico dos papas**: história e ensinamentos. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria. 2007. p. 772.

¹⁰² JOÃO PAULO II, 2001, p. 78.

¹⁰³ JOÃO PAULO II. A Igreja prefigurada como Esposa no antigo testamento. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja**: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001. p. 71-74. p. cit. 73-74.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater***. 15 ed. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 17; RMA 8.

seus filhos e o desenvolver da vida na graça.¹⁰⁵ É um confronto fascinante entre duas mães. A Igreja é impelida a encontrar e contemplar na *Theotokos* sua verdadeira identidade materna.¹⁰⁶

Assim sendo, pode-se compreender a eclesiologia de Wojtyła, que será base para entender a nova evangelização que ele propõe. Para que o evangelho penetre na história, precisa-se conhecer o homem e a realidade do mundo a cada tempo da história. Por isso, a partir de João Paulo II se conhecerás ambas realidades.

¹⁰⁵ JOÃO PAULO II. O rosto da mãe do Redentor. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa sobre Nossa Senhora**. Lorena: Cléofas. 2000. p. 17-19. p. cit. 18-19.

¹⁰⁶ JOÃO PAULO II, 2000. p. 13.

2 A REALIDADE DO HOMEM E DO MUNDO CONTEMPORÂNEO EM JOÃO PAULO II

A partir da compreensão eclesiológica apresentada, urge entender a realidade do homem e do mundo contemporâneo. Cristo revela o mistério do amor do Pai para com seus filhos, bem como revela plenamente quem é o homem, a fim de que este descubra seu chamado fundamental.¹⁰⁷

2.1 O SER HUMANO, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

A revelação de Deus em Cristo dá ao coração do homem o dom, sem o qual, ele não pode viver: o amor. “Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor.”¹⁰⁸ João Paulo II expressa sua alegria ao declarar a urgência da evangelização missionária porque ela é o primeiro serviço e dever que a Igreja é chamada a oferecer à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, “parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência. Cristo Redentor revela plenamente o homem a si próprio.”¹⁰⁹

As verdades sobre o próprio homem, se revelam na sua condição de imagem e semelhança de Deus, enquanto criatura. Ou seja, não é Deus nem está jogado à deriva no mundo, mas foi plasmado pelo amor do Deus

¹⁰⁷ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 8.

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 10.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 2.

Criador. Por isso, o homem só encontra explicação de seu próprio mistério ao contemplar Deus; ser imagem é realidade e vocação. Na constituição ontológica do homem há participação em Deus, negar isso é opor-se à sua realização.¹¹⁰ Há uma sede insaciável pela verdade absoluta no coração humano como uma nostalgia enquanto não chega à plenitude do seu conhecimento.¹¹¹

Ao querer arrogar-se absoluto é ferido por seu próprio pecado. Dotado de liberdade em seu ser, feito imagem, deve assemelhar-se ao seu autor, ser imagem quer dizer o exercício de uma liberdade que incumbe uma vocação, tornar-se imagem. Não só um fato, mas uma tarefa para o homem; ser imagem exige responsabilidade com toda a criação, cuidado; o homem é imagem de Deus em Cristo.¹¹² “A realização mais profunda de ser e se fazer imagem é assemelhar-se a, parecer-se com Cristo, verdadeiro ícone, imagem perfeita do Pai.”¹¹³

Na pessoa humana o caráter transcendente é fonte dos seus direitos e obrigações. Neste ponto se firma o primado da pessoa sobre as estruturas, sobre o pecado pessoal e comunitário e sua necessidade de conversão, bem como sua responsabilidade na sociedade enquanto pessoa. Este elemento próprio do homem lhe garante dignidade e critério diante das ideologias. O ser humano não é engrenagem nem apêndice nos sistemas econômicos e políticos.¹¹⁴ O homem é filho de Deus, sua abertura para a relação com Deus lhe é constitutiva e condição de felicidade. Ademais, a Igreja,

graças ao Evangelho, possui a verdade sobre o homem. Esta encontra-se numa antropologia que a mesma Igreja não cessa de aprofundar e de comunicar. A afirmação primordial dessa antropologia é a de que o homem, enquanto imagem de Deus, não pode ser reduzido a uma

¹¹⁰ TRUJILLO, Cardeal Alfonso López. A inspiração antropológica da mensagem pastoral de João Paulo II às Américas. In: Conferências do Congresso Internacional. **Antropologia e práxis no pensamento de João Paulo II**. Rio de Janeiro: Lumen Cristi, 1985. p. 191-209. p. cit. 197.

¹¹¹ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Veritatis Splendor***. 10 ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 6; VS 1.

¹¹² TRUJILLO, 1985, p.197.

¹¹³ TRUJILLO, 1985, p. 198.

¹¹⁴ TRUJILLO, 1985, p. 198.

simples parcela da natureza, ou a um elemento anônimo da cidade humana.¹¹⁵

Cristo restaurou a ruptura feita por Adão, uniu-se à natureza humana em tudo, exceto no pecado. O homem criado à imagem e semelhança do Deus invisível é restituído à semelhança divina.¹¹⁶ As feridas do pecado original que, impressas na natureza humana, causando a impossibilidade de acesso pleno a Deus, em Jesus são restituídas, porque a vida humana é salva e recebe novo significado e tem acesso a vida eterna.¹¹⁷ O homem veio de Deus e para Deus voltará. A vida eterna para o homem é a felicidade que brota da união com Deus. A salvação é a libertação do mal radical, da eterna condenação, fruto da rejeição do homem, e o gozar da plenitude do próprio Bem absoluto.¹¹⁸

Como um bom exímio personalista, João Paulo II afirma que diante da pessoa só uma atitude é válida, o amor. Dois aspectos chaves da pessoa: a afirmação da pessoa em si mesma e enquanto dom para o outro. A pessoa se realiza de modo mais perfeito doando-se, se a liberdade humana não é conduzida a este fim, torna-se nociva. Passa a ser nocivo quando o homem se deixa mover pelos bens egoísticos, que ele mesmo considera bom e prazeroso, excluindo o ordenamento das paixões e desejos carnis contrários a verdade do próprio homem. Os direitos do homem foram inscritos pelo Criador na ordem da criação, na própria mente e no coração do homem.

À luz da revelação de Jesus Cristo os direitos do homem são ratificados. Ou seja, Jesus propõe um caminho moral para o homem trilhar sem que viole sua dignidade e se afaste dos mandamentos de Deus. A mensagem a favor da vida e contrária aos valores e princípios de morte para o homem, são defendidos pelo Filho de Deus. Assim sendo, não há nenhuma concessão para qualquer instituição, sistema político, organizações internacionais para violar a dignidade humana.¹¹⁹

¹¹⁵ JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II na solene sessão de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** Puebla de los Ángeles, 28 jan. 1979. n° 9. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html>. Acesso 03 mai. 2019.

¹¹⁶ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 9.

¹¹⁷ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 9.

¹¹⁸ JOÃO PAULO II, 1994, p. 80.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II, 1994, p. 183-188.

O pecado que assola o coração humano e logo a sociedade inteira consiste em uma quebra de unidade estabelecida por Deus na criação, unidade interior foi despedaçada pelo pecado, assim o coração do homem se afastou do seu Criador, deu lugar a tormentos, tensões e batalhas. Desse coração dividido, afastado do Criador, vêm os males à sociedade e ao mundo.

Este mundo, cenário para o desenvolvimento do homem no amor, padece o contágio do mistério da iniquidade. O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, com definida vocação de transcendência, de busca de Deus e de fraterna relação com os outros, atormentado e dividido em si mesmo, afasta-se dos seus semelhantes. No entanto, o plano original de Deus não é que o homem seja inimigo, lobo para o homem, mas seu irmão. O desígnio de Deus não revela a dialética da oposição, mas a do amor que o faz todo novo.¹²⁰

O amor, pelo fato de ser exigente,

constrói o verdadeiro bem do homem e irradia-o também sobre os outros. Na verdade, o bem, diz Tomás, é por sua natureza difusivo. O amor é verdadeiro, quando cria o bem das pessoas e das comunidades, cria e dá-lo aos outros.¹²¹

Para o homem o amor é uma constituição indissolúvel dele mesmo. “O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido se não for lhe revelado o amor.”¹²² A revelação deste amor tem um nome: Jesus. O

¹²⁰ JOÃO PAULO II. **Homilia de João Paulo II**. San Salvador, 06 mar. 1983. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830306_san-salvador.html>. Acesso em: 03 mai. 2019.

¹²¹ JOÃO PAULO II. **Carta às famílias**. Vaticano: 1994. Não paginado; CF 14. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html>. Acesso em: 04 mai. 2019.

¹²² JOÃO PAULO II, 1978, não paginado; RH 11.

homem deve “apropriar-se e assimilar toda a realidade da encarnação e da redenção, para se encontrar a si mesmo.”¹²³

O homem recebeu do Criador o mundo com o compromisso de o plasmar à própria imagem e semelhança. Do cumprimento desta tarefa provém a civilização, que é a humanização do mundo pelo homem. O conceito de civilização em Wojtyła, ato humano de tecer o mundo através de seus dons por desígnio de Deus, pode ser concebido também como a cultura. Dito isto, se conclui que a civilização pertence à história do homem, porque corresponde às suas exigências espirituais e morais.¹²⁴

Na história que o homem percorre adquiriu com o sangue de Cristo a força e o modelo para vencer o mal com o bem, o mal penetrado nas estruturas sociais e no coração humano, também o mal terrível que assola os homens da divisão, “que semeou o mundo de sepulcros, com as guerras, com essa terrível espiral de ódio que arrasa, aniquila, em forma tétrica e insensata.”¹²⁵ Faz-se necessário elucidar algumas destas realidades de angústias geradas pelo pecado, bem como alegrias oriundas da capacidade intelectual criadora do homem.

2.2 ALEGRIAS E ANGÚSTIAS DO HOMEM CONTEMPORÂNEO NA SUA CONJUNTURA EXISTENCIAL

Sabendo que para João Paulo II o homem é a via da Igreja, urge conhecer algumas alegrias e angústias que se percebem no homem e no mundo contemporâneo. Assim a Igreja realiza sua missão de estar bem ciente da situação em que se encontra.¹²⁶

2.2.1 Alegrias

Contempla-se uma geração privilegiada deste tempo contemporâneo. Através de seu trabalho e inteligência a ciência e a técnica progrediram inúmeros benefícios para o progresso da humanidade. Os obstáculos de distâncias foram vencidos pelo homem. Pode-se aprofundar ainda mais sobre o conhecimento de si próprio e da sociedade em que se vive, levando-o a desenvolver-se melhor. Se vê certo desejo de unidade entre as nações, uma solidariedade, a fim de tentar

¹²³ JOÃO PAULO II, 1978, não paginado; RH 11.

¹²⁴ JOÃO PAULO II, 1994, não paginado; CF 13.

¹²⁵ JOÃO PAULO II, 1983, não paginado.

¹²⁶ JOÃO PAULO II, 1978, não paginado; RH 14.

extinguir ainda divisões, preconceitos de tantas causas, sejam geográficas ou até raciais. Não só bens materiais, mas o acesso ao saber através do progresso da ciência e da técnica, a informática é uma via de conhecimento incrível acessível ao homem.¹²⁷

Quantas organizações e iniciativas se levantam em favor da vida humana em todo o mundo. Embora se padeça pelos flagelos do pecado, vê-se a graça de Deus operante. Homens da área das ciências que têm fundamentos éticos correspondentes ao cuidado da pessoa humana, se dirigi Wojtyła

não tenho razão para ficar apreensivo com as experimentações em biologia realizadas por cientistas que, como vós, têm profundo respeito pela pessoa humana, pois estou certo que elas contribuirão para o bem-estar integral do homem. Por outro lado, condeno, do modo mais explícito e formal, as manipulações experimentais sobre o embrião humano, porque o ser humano, desde a concepção até a morte, não pode ser explorado, qualquer que seja o fim.¹²⁸

Segundo Mondin, para Wojtyła, muitas foram as alegrias que se contemplaram no findar deste segundo milênio, no âmbito da ciência e da técnica, de tantas descobertas, do grande crescimento mundial, bem como da difusão do bem-estar.¹²⁹ Na perspectiva dos povos, culturas e nações que ainda não receberam o anúncio de Cristo, é louvável perceber que existem princípios contrários aos da modernidade ferida, que são preparatórios para melhor esperar a revelação do Filho de Deus.¹³⁰

Em consequência das grandes guerras modernas, tantos sistemas ideológicos, que ocasionaram divisão e violação da dignidade humana, reconhece-se como uma aspiração, um desejo da humanidade moderna de construir uma unidade e comunhão em nível mundial. Em vista de gerar dignidade a todos os seres humanos. A Igreja, a partir desta

¹²⁷ JOÃO PAULO II, 1980, p. 5-53; DM 10.

¹²⁸ JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos participantes no Congresso da Pontifícia Academia das Ciências.** Vaticano Sala do Trono, out. 1982. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/october/documents/hf_jp-ii_spe_19821023_pont-academia-scienze.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

¹²⁹ MONDIN, 2007, p. 784.

¹³⁰ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado, EAf 49.

aspiração do mundo moderno e a partir da missão de ser sinal e sacramento universal de salvação e de unidade do gênero humano,¹³¹ diante desta dilaceração, tem o papel de manter viva esta unidade.¹³²

2.2.2 Angústias

O cenário existencial da vida humana encontra-se vulnerável pelo que o próprio homem produz. O fruto do trabalho de suas mãos, de sua inteligência e das inclinações de sua vontade está atingindo drasticamente o homem, tais frutos voltam-se contra ele mesmo e seu ambiente natural. Parece ser este o drama que atinge a totalidade da existência humana, o medo surge pelos seus riscos, teme o homem o que ele mesmo produz.¹³³ “Naturalmente não todos e não na maior parte, mas alguns [...] possam ser voltados de maneira radical contra si mesmo; teme que eles possam tornar-se meios e instrumentos de uma inimaginável autodestruição.”¹³⁴

O mundo encontra-se numa conjuntura histórica que tem suas marcas caracterizadas no fim

da cristandade como expressão cultural e política, o fim das utopias, das ideologias [...] da secularização de todas as instituições e atividades humanas, da ruína dos valores morais e religiosos, do neopaganismo, do hedonismo e do consumismo do terceiro milênio.¹³⁵

Sem contar no que tange à liberdade, existem concepções de liberdade distorcidas da verdade: linhas teóricas que desligam a liberdade humana da sua relação essencial e constitutiva com a verdade.¹³⁶ Jamais será possível deixar o juízo moral ao pluralismo de opiniões à consciência subjetiva individual.¹³⁷

Grande malefício dos tempos contemporâneos é a ruptura, a separação entre evangelho e vida, principalmente entre os leigos que carecem unir a inspiração cristã aos seus vários contextos existenciais,

¹³¹ JOÃO PAULO II, 1985, não paginado; AS 27.

¹³² JOÃO PAULO II, 1993, p. 46.

¹³³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹³⁴ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹³⁵ MONDIN, 2007, p. 775.

¹³⁶ JOÃO PAULO II, 1993, p. 10; VS 4.

¹³⁷ JOÃO PAULO II, 1993, p. 11.

respondendo aos apelos e angústias que o coração de cada homem vive. Família, sociedade e trabalho devem integrar e refletir a presença cristã de forma efetiva.¹³⁸ Este drama da ruptura entre fé e vida, tantas vezes se encontra dilacerada. A Igreja tem o papel de manter viva esta unidade, ser o canal pelo qual a vida seja um ardente testemunho de fé.¹³⁹

Ainda no contexto hodierno, encontra-se a realidade das migrações. É um fenômeno impactante. O encontro cultural de vários povos, em contextos de tradição cristã é um desafio. Dentre os migrantes, aqueles que vêm para se refugiarem, exigem um olhar pessoal da Igreja, esperam por acolhida, diálogo e fraternidade. Ela enquanto sinal de unidade e amor deve responder com estima este chamado à caridade.¹⁴⁰ Esta angústia que permeia a época contemporânea atinge várias nações. O drama que surge é o de como integrar todas as pessoas, principalmente as mais vulneráveis.¹⁴¹

É visível no mundo contemporâneo a perda gradativa do sentido religioso, adjunto a perda da moralidade “que não poupa o santuário da família e não se detém diante das fronteiras impostas pelos direitos humanos fundamentais.”¹⁴² A combinação entre o ter e o poder, em detrimento do ser, ocasiona também a concentração dos bens e da força para alguns, em contraponto à miséria abundante para tantos. A desigualdade mina as sociedades. Triste é ver como a desigualdade é tão real dentro de um próprio país, como exemplifica o pontífice ao referir-se ao Brasil em sua visita apostólica.¹⁴³

Evangelizar neste contexto é necessário, a fim de iluminar tantas situações difíceis, tais como

falta de fé, de solidez na adesão a Cristo, de formação religiosa e, quiçá de fidelidade eclesial [...] obviar com todos os meios à tentação de silenciar, postergar ou recusar Deus, em nome de

¹³⁸ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

¹³⁹ JOÃO PAULO II, 1993, p. 46.

¹⁴⁰ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 37.

¹⁴¹ JOÃO PAULO II. Princípios éticos para reformas sociais. In: CNBB. **Palavra do Santo Padre ao Brasil**. São Paulo: Loyola, 1986. p. 23-30. p. cit. 27.

¹⁴² JOÃO PAULO II, 1986, p. 27.

¹⁴³ JOÃO PAULO II. Promovei alfabetização e educação de base. In: CNBB. **Palavra do Santo Padre ao Brasil**. São Paulo: Loyola, 1986. p. 39-45. p. cit. 98.

uma humanidade, vista talvez sem abertura à transcendência e de maneira incompleta.¹⁴⁴

Afligem o mundo atual alguns frutos que o homem desenvolve, como reservas atômicas. O que ameaça mais aos homens não é só o uso das armas um contra os outros, mas o perigo do materialismo em discursos humanísticos que ratificam o primado das coisas sobre a pessoa. O medo paira nos homens do tempo contemporâneo por causa de suas próprias invenções, do uso que pode vitimar tantas sociedades como a história já mostrou. Tem medo de perder sua liberdade, de manifestar a verdade que crê, de obedecer a consciência que lhe indica o que fazer.¹⁴⁵

O medo não só da autodestruição pelo poder militar, mas também a sujeição opressora dos indivíduos e das nações, até da tortura como no interno de sistemas políticos. Ainda, a dolorosa desigualdade, enquanto há abastados e fartos, outros tantos morrem de fome. Estas inquietudes e medos dizem respeito a profundos problemas de toda a existência humana. Mesmo o senso de justiça é minado de rancor, ódio e até crueldade.

Sistemas políticos, por exemplo, que geram desigualdade social, limitam a liberdade ou impõem uma dependência total ao outro sem possibilitar o autodesenvolvimento. Ou seja, se priva de direitos humanos fundamentais.¹⁴⁶ Brada João Paulo II que a justiça não é suficiente, pois ela corre o risco de “levar à negação e ao aniquilamento de si mesma, se não se permitir aquela força mais profunda, que é o amor, plasmar a vida humana nas suas várias dimensões.”¹⁴⁷

Como não citar o declínio de muitos valores da moral não só cristã, mas humana, como o respeito pela vida desde a concepção até o seu término, a crise da verdade nas relações dos homens entre si, o utilitarismo permeando e pautando relações, o bem comum facilmente ferido pelos interesses egoístas. Portanto, a desmoralização se torna tantas vezes em uma desumanização.¹⁴⁸ Também é dever fazer memória de frutos trágicos deste declínio do ser humano, as grandes guerras mundiais, das tremendas carnificinas, uma marca do milênio foi a edificação e desconstrução utópica “das ideologias totalitárias e das cosmovisões [...]

¹⁴⁴ JOÃO PAULO II, 1986, p. 27.

¹⁴⁵ JOÃO PAULO II, 1980, p. 56-57; DM 11.

¹⁴⁶ JOÃO PAULO II, 1980, p. 57-60; DM 11-12.

¹⁴⁷ JOÃO PAULO II, 1980, p. 60; DM 12.

¹⁴⁸ JOÃO PAULO II, 1980, p. 61; DM 12.

milênio do nascimento e afirmação do ateísmo e da crescente expansão do islamismo.”¹⁴⁹

O ser humano que Deus criou à sua imagem

é chamado por natureza à superação de si mesmo, a transcender-se; assim, tudo o que pode prejudicar o homem e impedi-lo de avançar em sua realização, tudo o que pode destruí-lo, deve ser condenado e rejeitado. Não se impede o homem de viver, senão se impede Deus.¹⁵⁰

Quantos povos que são defensores e amantes da vida, velam pela vida desde o seu início. No entanto, se difunde entre estes povos, uma propagação de valores de morte, principalmente pelas chamadas civilizações progressistas que tentam seduzir a muitos. “E as práticas hostis à vida lhes são impostas por meio de sistemas econômicos a serviço do egoísmo dos ricos.”¹⁵¹

Na conjuntura do mundo contemporâneo, outra angústia é o discurso que por tantos meios é difundido de defesa dos direitos do homem, todavia é vazio na execução dos mesmos. Wojtyla critica o abismo existente entre as declarações das nações unidas de proteção a dignidade humana e a violação prática colossal. É preocupante perceber que os poderes públicos que, além de violar a direitos fundamentais do homem, nem sequer são punidos. Tais como o direito de nascer, à vida, à paternidade, ao trabalho, à paz, à liberdade e a justiça social. Sem contar aqueles malefícios coletivos como a discriminação racial contra pessoas e grupos, uso de meios desumanos como a tortura física e psicológica contra adversários ou prisioneiros políticos. Além disso, sequestros e raptos em vista de lucro ou interesse político, que destroem de forma tão dramática a vida familiar e o tecido social.¹⁵²

¹⁴⁹ MONDIN, 2007, p. 784.

¹⁵⁰ OFFREDO, Jean. **O vermelho e o branco**. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1989. p. 195.

¹⁵¹ JOÃO PAULO II. **Concelebração Eucarística para a abertura da assembleia especial para África do sínodo dos bispos Homília do Papa João Paulo II**. São Pedro, 10 abr. 1994. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940410_sinodo-africano.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

¹⁵² JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º aniversário da declaração dos direitos**

Inúmeras são as formas que tentam ferir a vida humana a partir de fundamentos antropológicos distorcidos. Direito à vida para o ser humano é fundamental do seu início ao seu término. A legalização da interrupção da vida na gestação, a negação de auxílio a muitas mulheres que são abandonadas, violam a dignidade da pessoa.¹⁵³

Quando se nega o que é próprio do homem, as consequências são nefastas. Negar a dimensão transcendente do homem é infligir algo gravíssimo. Pois,

a justiça social só é verdadeira se baseada nos direitos do indivíduo. E que esses direitos só serão realmente reconhecidos se for reconhecida a dimensão transcendente do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, chamado a ser Seu filho e irmão dos outros homens, e destinado a uma vida eterna. Negar esta transcendência é reduzir o homem a instrumento de domínio, cuja sorte está sujeita ao egoísmo e ambição de outros homens, ou à onipotência do Estado totalitário, erigido em valor supremo.¹⁵⁴

Portanto, a revelação de Cristo é chave para o mundo contemporâneo se reencontrar. Cabe à Igreja fundada por Jesus Cristo “uma missão profética, que tem um sentido nitidamente cristocêntrico e que precisamente por isso tem um profundo valor antropológico como luz e força de vida derivante do verbo.”¹⁵⁵ Para realizar o anúncio da verdade de Deus “comporta também a revelação ao homem da verdade sobre ele mesmo, verdade que só em Cristo se manifesta em toda a sua plenitude.”¹⁵⁶

humanos. Vaticano 02 dez. 1978. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1978/documents/hf_jp-ii_let_19781202_waldheim.html>. Acesso em: 06 mai. 2019.

¹⁵³ JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança.** Tradução Antônio Angonese; Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 189-194.

¹⁵⁴ JOÃO PAULO II. **Homilia do Papa João Paulo II aos jovens de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 12 jun. 1980. n° 4. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800701_youth-brazil.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

¹⁵⁵ JOÃO PAULO II, 2001, p. 137.

¹⁵⁶ JOÃO PAULO II, 2001, p. 134

Mesmo em meio às atrocidades cometidas pelo homem, ele nunca perderá sua dignidade constitutiva de ser humano. Ao citar a história bíblica do filho pródigo narrada pelo evangelista Lucas, Wojtyła quer exemplificar a adesão de valores contrários ao próprio homem, deseja elucidar que foi salvo um valor fundamental do filho pelo pai, sua humanidade, a dignidade que lhe é constitutiva. Desprender-se da fidelidade em amar e reconhecer o valor inviolável do homem é contestar a própria verdade da imagem e semelhança de Deus no homem.¹⁵⁷

Assim sendo, viu-se quantas são as angústias que permeiam os corações dos homens. No mundo contemporâneo tantas são as vias que desencadeiam malefícios, tendo como causa primaz a ruptura da relação do homem com seu Criador e suas normas constitutivas. Dando sequência, ver-se-á alguns contextos que atuam na conjuntura social do homem.

2.2 CONTEXTOS DO MUNDO ATUAL

No mundo atual existem vários contextos que o compõem. O mundo possui sistemas econômicos novos, uma organização social nova. Alcançou inúmeros avanços através de seu trabalho no mundo da técnica. Mas também experimenta contextos novos de rejeição da fé.

2.2.1 Sistemas econômicos

O Papa esteve em contato com dois sistemas econômicos que envolvem vários povos, o capitalismo e o comunismo e analisou-os, destacando os pontos frágeis que neles se encontram. Este é o contexto peculiar em que os anunciadores do evangelho também estão envolvidos, devem refleti-lo para poder proporem uma condição correspondente ao ser humano, a fim de instaurar um modelo social compatível com o Reino de Deus.¹⁵⁸ A nova evangelização no contexto contemporâneo, expresso pelo magistério do Papa, fomenta em todas as dimensões ousadamente a mensagem da Boa Nova, alegrando-se com quem se alegra, e chorando com os que choram, a fim de alcançar os corações para Cristo.

¹⁵⁷ JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Dives in Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 33-37; DM 6.

¹⁵⁸ FALCÃO, 2008, p. 130-137.

Para João Paulo II, a luta de classes não é o caminho de ordem social, pois guarda o risco de elevar os desfavorecidos em privilegiados, em dominantes, gerando outras injustiças. Repelir a luta de classes é lutar pela justiça social, não se pode construir com ódio ou com destruição dos outros.¹⁵⁹ Mesmo com aversão ao comunismo, sabia Wojtyła que os efeitos do capitalismo eram nefastos, não levando em conta os direitos das pessoas, mas os lucros econômicos.¹⁶⁰

As zonas de miséria no mundo, ao invés de receberem auxílio dos países ricos, oferecerem ao contrário armas modernas, exploração e meios de destruição.¹⁶¹ Em nome de Deus e do homem a Igreja deve eternizar sua profecia enquanto não cessem as mortes: Não mateis!¹⁶² Para o bem do homem deve inspirar uma revisão contínua dos programas, sistemas e regimes no globo terrestre.¹⁶³

Quando Wojtyła motivava o povo à fidelidade aos valores do povo polonês na época do comunismo, invocava o testemunho de santo Estanislau para afirmar que mesmo que a morte seja o meio de não se inclinar ao que é contrário a lei de Deus, deve ser abraçada. A lei moral é a base da ordem social e a defesa da liberdade como direito inalienável. A violação de tal liberdade pelo estado é violar a ordem moral e social.¹⁶⁴

De outro lado

o capitalismo dos inícios da revolução industrial penalizava de vários modos a liberdade, a igualdade e a fraternidade, permitindo a exploração do homem pelo homem à mercê das leis do mercado.¹⁶⁵

Nas comunidades das quais o homem faz parte, como a família, nação e Igreja, é o bem comum que deve ser o critério básico e

¹⁵⁹ TRUJILLO, 1985, p. 207.

¹⁶⁰ MONDIN, 2007, p. 770.

¹⁶¹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

¹⁶² JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

¹⁶³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 17.

¹⁶⁴ BERNSTEIN, Carl e POLITI, Marco. **Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo.** Tradução M. H. C. Côrtes. 3 edição. Rio de Janeiro: Objetiva. 1996, p. 135.

¹⁶⁵ JOÃO PAULO II, 2005, p. 125.

indispensável.¹⁶⁶ Não pode haver paz entre as nações sem antes haver paz sólida no interior das próprias nações.¹⁶⁷

Deve o estado cumprir o seu sentido essencial “como comunidade política, consiste nisto: a sociedade e, quem a compõe, o povo, é soberano do próprio destino.”¹⁶⁸ A autoridade serve ao bem comum. Fugindo deste dever, ou seja, violando os direitos objetivos e invioláveis do homem, incorre em negação do que lhe é próprio.¹⁶⁹ O respeito por um direito elementar que é o direito à liberdade religiosa e da atividade da Igreja, põe-se como um termômetro para verificar um autêntico progresso.¹⁷⁰

Para Wojtyła o marxismo não deu a resposta ao homem, sua luta de classes não considerou a verdade profunda do ser humano. A classe libertadora aos moldes soviéticos mostrou quanto era opressora e totalitária, para exemplificar basta conhecer os gulags.¹⁷¹ Para o Papa, nenhum modelo sócio-político pôde sintetizar a justiça e a liberdade. O mais próximo seria o democrático. Mesmo este, o Papa, faz certas ressalvas pois geram,

dominação entre os povos; o poder do dinheiro; tendência de por fim em valores profundos do homem como a família; a indiferença que leva a negação ou rejeição do outro e até de si.¹⁷²

Um drama social atual é contemplar países e camadas sociais ricas gerando problemas de saúde nos cidadãos e problemas sociais pela tendência ideológica do uso da tecnologia e da produção de alimentos que não produzem qualidade de vida na população em detrimento de outras camadas ou países em condições miseráveis. Não se deve “confundir a liberdade com o instinto de interesse individual e coletivo.”¹⁷³ Só será possível uma economia humana real, se tais interesses fossem “assumidos, orientados e dominados pelas forças mais profundas que se encontram no homem, e que são aquelas que decidem da verdade da

¹⁶⁶ OFFREDO, 1989, p. 197.

¹⁶⁷ OFFREDO, 1989, p. 204.

¹⁶⁸ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 17.

¹⁶⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 17.

¹⁷⁰ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 17.

¹⁷¹ OFFREDO, 1989, p. 152.

¹⁷² OFFREDO, 1989, p. 153.

¹⁷³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

cultura dos povos.”¹⁷⁴ Assim sendo, a transformação das estruturas econômicas devem passar pela mente e o coração do homem. A liberdade não consiste no domínio do homem sobre o homem, mas de povos livres e solidários. O instinto humano de poder econômico deve ser orientado pela solidariedade.¹⁷⁵

Em João Paulo II apresenta-se o conceito de solidariedade, de forma muito enfática, como um terceiro caminho, entre os dois catastróficos que existem: capitalismo e comunismo, estes que dividem o globo terrestre, ocasionando diversos malefícios. Esta solidariedade seria uma intervenção interna ou internacional em favor dos mais desfavorecidos da sociedade.¹⁷⁶

2.2.3 Trabalho e técnica

O trabalho para Wojtyla possui um caráter antropológico, ou seja, é algo que constitui o homem. Através do trabalho, com seus dons de inteligência e poder de invenção desenvolve a realidade do mundo contemporâneo com a técnica, os meios de produção que devem corresponder à dignidade do próprio homem.

2.2.3.1 Trabalho

O trabalho em João Paulo II é uma marca característica do homem que o faz diferente de todas as demais criaturas, distinguindo-se na atividade de manter a própria vida, não é o mesmo que trabalho para as demais criaturas. Só o homem é capaz do trabalho e preencher sua existência na terra com ele.

Assim, o trabalho comporta em si uma marca particular do homem e da humanidade, a marca de uma pessoa que opera numa comunidade de pessoas; e uma tal marca determina a qualificação interior do mesmo trabalho e, em certo sentido, constitui a sua própria natureza.¹⁷⁷

¹⁷⁴ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

¹⁷⁵ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

¹⁷⁶ MONDIN, 2007, p. 769.

¹⁷⁷ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Laborem Exercens***. Castel Gandolfo: 1981. Não paginado; LE 1. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

No trabalho encontra-se o homem como uma base de valor ético do fundamento do trabalho. Ou seja, ele por si mesmo é um valor que o trabalho se liga enquanto ao seu próprio sujeito. Desta forma, chega-se a uma síntese ética importantíssima: “embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada o trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho.”¹⁷⁸

O trabalho é uma vocação universal. Mesmo com toda a fadiga que ele pode trazer, e até de repente por causa dela, o trabalho é um bem do homem. O trabalho não é somente um bem útil, mas da composição da própria dignidade do homem, um bem que manifesta tal dignidade e amplia.

O trabalho é um bem do homem é um bem da sua humanidade, porque mediante o trabalho, o homem não somente transforma a natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também se realiza a si mesmo como homem e até, num certo sentido, se torna mais homem.¹⁷⁹

O homem é a imagem e semelhança do próprio Deus. Isto confere ao ser humano “uma dignidade incomparável [...] existem direitos que não são correlativos a qualquer obra por ele realizada, mas derivam da sua dignidade essencial de pessoa.”¹⁸⁰ O trabalho que plenifica o ser humano é no seu contexto social, econômico e político tantas vezes ferido. Seja pelas cargas horárias excessivas, pelo desemprego, injustos salários, o livre direito de associação violado, as condições indignas do lugar de trabalho, o descaso do estado àqueles que são impossibilitados.¹⁸¹

Há também na realidade contemporânea sinais críticos a serem pensados. Como a existência de tantos recursos da natureza inutilizáveis em contrapartida de massas imensas de homens e mulheres desempregados, em condições deploráveis de trabalho ou ainda aqueles que padecem pela fome. Salta aos olhos a crise interna dos governos

¹⁷⁸ JOÃO PAULO II, 1981, não paginado; LE 6.

¹⁷⁹ JOÃO PAULO II, 1981, não paginado; LE 9.

¹⁸⁰ JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Centesimus Annus***. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 25; CA 11.

¹⁸¹ JOÃO PAULO II, 199, p. 18-21; CA 7-8.

políticos que não sanam tal malefício, ou ainda, as relações continentais e mundiais na otimização do trabalho aos povos em solidariedade.¹⁸²

Dentro da dinâmica existencial do trabalho continua a validade expressa incansavelmente em favor do homem: “uma liberdade que se recusasse vincular-se à verdade, degeneraria em arbítrio e acabaria por submeter-se às paixões mais vis, e por se autodestruir.”¹⁸³ No campo da atividade econômica e laboral ao se romper a verdade do homem gera-se inúmeros malefícios.

2.2.3.2 Técnica

João Paulo II continua sua reflexão desenvolvendo o conceito de técnica. De forma objetiva são os meios de produção utilizados para o trabalho, e de forma subjetiva é o próprio homem fator do trabalho.¹⁸⁴ Não basta se deter no progresso da técnica, é necessário pensar o desenvolvimento da civilização, que reflete a dimensão moral e ética do ser humano. Somente na justa proporção entre técnica e dignidade o homem possuirá um autêntico desenvolvimento, no mundo contemporâneo, esta proporção justa não tem encontrado efetividade.¹⁸⁵

O homem contemporâneo se sente ameaçado por aquilo que ele mesmo produz. “Ou seja, pelo resultado do trabalho de suas mãos e, ainda mais, pelo resultado do trabalho de sua inteligência e das tendências da sua vontade.”¹⁸⁶ Os frutos das atividades dos homens podem ser voltados contra o próprio homem. Isto, para Wojtyła, é o principal drama da existência humana contemporânea.¹⁸⁷ Tem-se medo dos seus produtos. Tantos destes produtos que podem se tornar forma de autodestruição. Nem se comparando com tantas catástrofes que na história se conhece.¹⁸⁸

Quanto à exploração do planeta, destaca-se não só para fins industriais, mas também militares,

o desenvolvimento da técnica não controlado nem enquadrado num plano com perspectivas universais e autenticamente humanísticas, traz

¹⁸² JOÃO PAULO II, 1981, não paginado; LE 16.

¹⁸³ JOÃO PAULO II, 1991, p. 13; CA 4.

¹⁸⁴ FALCÃO, 2008, p. 120.

¹⁸⁵ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁸⁷ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁸⁸ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

muitas vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e o separam da mesma natureza.¹⁸⁹

O justo desenvolvimento da técnica deve vir acompanhado do desenvolvimento da moral e da ética, coisa que dificilmente acontece. A pergunta que deve ser feita é se o belo progresso de que o homem é autor e fator torna a vida humana em todas as suas dimensões mais humana.¹⁹⁰ Quanto as conquistas realizadas e as projetadas para o futuro “estão de acordo com o progresso moral e espiritual do homem?”¹⁹¹ Portanto, é necessário uma revisão do progresso da técnica, com o intuito de perceber se leva o homem ao seu desenvolvimento real, ou degrada-o, por favorecer sistemas, interesses, tendências de domínio do homem sobre o homem.¹⁹²

O risco tremendo do domínio do homem sobre o mundo das coisas é que ele possa se confundir, submetendo a sua humanidade a elas, tornando-se manipulável. Seja pelos meios de comunicação social, bem como sistemas de produção. Nunca para João Paulo II poderá o homem se deixar inclinar a tal ponto de se escravizar pelos sistemas econômicos, pela produção, pelas coisas, e pelos seus produtos.¹⁹³ “É preciso convencer-mos da prioridade da ética sobre a técnica, do primado da pessoa sobre as coisas, e da superioridade do espírito sobre a matéria.”¹⁹⁴

Wojtyła, um personalista exímio, deixa claro o valor do homem em si mesmo, e que, para criar a civilização, “é preciso considerar, até nas suas últimas consequências e integralmente, o homem como valor particular e autônomo, como o sujeito portador da transcendência da pessoa. É preciso afirmar o homem por ele mesmo, e não por algum outro motivo ou razão; unicamente por ele mesmo.”¹⁹⁵ Assim sendo, a técnica deve entrar na justa proporção do desenvolvimento e defesa da dignidade

¹⁸⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁹⁰ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁹¹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁹² JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

¹⁹³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 6.

¹⁹⁴ JOÃO PAULO II. **Discurso na sede da organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura- UNESCO.** Paris, 02 jun. 1980. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/june/documents/hf_jp-ii_spe_19800602_unesco.html>.

Acesso em: 09 mai. 2019.

¹⁹⁵ JOÃO PAULO II, 1980, não paginado.

humana, sem jamais considerar o homem como meio para um fim, mas sim um fim em si mesmo.

2.2.4 Ateísmo, liberdade e secularismo.

Os desafios do mundo contemporâneo se fazem também pela passagem de territórios cristãos para lugares de indiferentismo, secularismo, ruptura da liberdade da verdade e ateísmo. O bem-estar econômico e o consumismo de tantos países fazem com que seus cidadãos vivam como se Deus não existisse. O ateísmo se desdobra numa anulação de uma dimensão constitutiva do homem que é sua relação transcendental.

2.2.4.1 Ateísmo

A fé sobrevive por expressões tradicionalistas e ritualistas, principalmente nos momentos do nascer, do sofrer e do morrer, porque além de celebrar este momento a Igreja traz respostas à origem da vida e para além dela.¹⁹⁶ Quando o homem, suprimindo as respostas aos enigmas humanos para os quais a fé traz luzes, fica na angústia, sem respostas, levando o “homem contemporâneo à desilusão desconfortante e à tentação de eliminar a mesma vida humana que levanta esses problemas.”¹⁹⁷

No contexto atual, existe a forte tendência de uma redução do homem somente à dimensão horizontal. É possível este ser humano, criado para a eternidade, anular aquilo que lhe é constitutivo? João Paulo II convida a olhar à história, e reconhecer as experiências da humanidade quando a mesma fez a negação da dimensão espiritual do homem. Tem-se vários regimes políticos e ideologias que ocasionaram tragédias para a história, pelo desejo de criar uma sociedade nova, sem dar ao homem o que lhe é próprio: Deus.¹⁹⁸ Desencadeou-se um fenômeno nunca antes conhecido: “o fenômeno do ateísmo nas suas várias formas, a começar do ateísmo programado, organizado e estruturado em sistema político.”¹⁹⁹

Na modernidade, algumas correntes de pensamento exaltaram tanto a liberdade até considerá-la absoluta e fonte dos valores, partem daí

¹⁹⁶ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

¹⁹⁷ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

¹⁹⁸ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 8.

¹⁹⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 11.

ensinos que rompem o carácter transcendente do homem. Outorgando a consciência de cada indivíduo o juízo moral do bem e do mal. Esta ética individualista e subjetiva conduz à negação de uma natureza humana, pois perdida a ideia de um Bem universal apreensível pela razão, desemboca em tal crise.²⁰⁰ A tendência de linhas subjetivistas e individualistas atenuam ou negam a liberdade em harmonia com a verdade constitutiva do homem.

2.2.4.2 Liberdade

Assim prosseguindo, dá-se a linha base para a desconstrução contemporânea da liberdade com a verdade. Ou seja, o homem tem a obrigação de consciência de buscar e encontrar a suma verdade. No Bem Absoluto que é Deus se encontra a verdade, esta é a verdadeira felicidade do homem que deve ser alcançada livremente por ele.²⁰¹ O contrário se dá no contexto atual, a verdade é criada pela liberdade do homem, logo, criando seus próprios valores, contrariando a própria natureza humana criada a imagem de Deus, devendo se inclinar às leis divinas não sendo Deus para criá-las, pois não detém o homem o poder de alterar sua constituição, as leis do bem e o mal, imprimidas na ordem da criação por Deus. Ele a Suma Verdade, realiza a liberdade humana.²⁰²

A lei moral provém de Deus e nele encontra sempre sua fonte: em virtude da razão natural, que deriva da sabedoria divina, ela é simultaneamente a lei própria do homem. De fato, a lei natural é “a luz da inteligência infundida por Deus em nós. Graças a ela conhecemos o que se deve cumprir ou evitar.”²⁰³ As normas morais sempre corresponderão à felicidade do homem. Não é algo contrário a si mesmo, mas uma plenificação de si mesmo.

Tendências drásticas nas linhas de liberdade que se opõem à natureza material e biológica. Sem a consideração de uma natureza, o ser humano ficaria vulnerável e reduzido às vontades do seu próprio agir. Como uma superação da liberdade seria a ilusão de transformar a própria natureza. Outros pautam, no ilimitado poder de sua liberdade, os critérios econômicos, sociais culturais e morais, excluindo toda e qualquer liberdade verdadeira ao homem. O ser humano tornar-se-ia simplesmente

²⁰⁰ JOÃO PAULO II, 1993, VS 32, p. 55-56.

²⁰¹ JOÃO PAULO II, 1993, VS 34, p. 58-59.

²⁰² JOÃO PAULO II, 1993, VS 35, p. 60.

²⁰³ JOÃO PAULO II, 1993, VS 40, p. 66.

um material biológico manipulável pelas ideologias, sistemas políticos ou econômicos etc. Isso fazendo da liberdade humana desligada literalmente da verdade mais íntima do próprio homem. O homem seria o projeto de sua própria existência.²⁰⁴

Cristo continua a aparecer-nos como aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, como aquele que liberta o homem daquilo que limita, diminui e como que espedaça essa liberdade nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência.²⁰⁵

Um abuso da liberdade pode ser visto no ato de comprar, numa perspectiva consumista, sem ética, que é um termômetro também da desigualdade entre os povos. Enquanto alguns morrem por desnutrição, sofrem carências notórias, outros consomem desenfreadamente morrendo por problemas de saúde gerados pelo excesso.²⁰⁶ A civilização do consumo põe em cheque “as estruturas e mecanismos financeiros, monetários, produtivos e comerciais, que, apoiando-se em diversas pressões políticas, reagem a economia mundial.”²⁰⁷ Ficam inertes perante as sequelas do passado e as urgências éticas do presente.

Para Wojtyła não vale uma ideia de liberdade onde se possa desenfreadamente deixar as paixões pautar a vida humana, como bem desejar. Toda a ação se não for impulsionada pelo amor é pervertida, se nega-se o senso de verdade e justiça impresso na ordem existencial do homem, ele fica à mercê dos sistemas totalitários. Estes podem utilizar do homem como um meio material, sendo obrigado a sofrer, não importa para que fim.²⁰⁸

O homem vive uma vida verdadeiramente humana graças à cultura. A cultura é o modo específico do existir e do ser do homem. A cultura é aquilo pelo qual o homem enquanto homem se torna mais homem, é mais. A nação é, com efeito, a grande comunidade dos homens que estão unidos por

²⁰⁴ JOÃO PAULO II, 1993, VS 46, p. 76-77.

²⁰⁵ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 12.

²⁰⁶ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

²⁰⁷ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 16.

²⁰⁸ OFFREDO, 1989, p. 198-199.

laços diversos, mas sobretudo precisamente pela cultura.²⁰⁹

Esta cultura deve estar plasmada pelo amor entre os homens. É no amor a Deus e ao próximo que a liberdade do homem encontra sua realização mais plena. A liberdade que é dom e tarefa para acolher e realizar o bem segundo a verdade, escolhendo o bem verdadeiro nas várias instâncias, desde a vida pessoal familiar até a realidade econômica e política em níveis nacional e internacional.²¹⁰ Ela é um bem na medida que realiza o bem na sua verdade.

2.2.4.3 Secularismo

A tentação que emerge no meio dos cristãos é uma visão unicamente horizontal sobre o ser humano e o existir, fruto de um mundo tremendamente secularizado, gerou-se uma gradativa secularização da salvação. Rompendo a salvação integral inaugurada por Jesus. A visão de João Paulo II detém-se num panorama que alcança a raiz dos males sociais.²¹¹

A secularização no contexto religioso é uma ameaça à fé simples e aos valores religiosos e morais. Acha-se principalmente em centros urbanos, onde o desenvolvimento da técnica e da ciência tornam-se hostis à fé. Nestes ambientes se propaga modelos de vida divergentes do modelo evangélico. Inclusive, sob a pressão do secularismo chega-se a dizer que a fé seja uma ameaça à liberdade do homem. A história recente evidenciou com as ideologias, que negaram a verdade sobre Deus e sobre o homem, que é inconciliável edificar uma sociedade humana, sem tais verdade fundamentais.

Com a queda dos regimes do chamado socialismo real [...] tirem as conclusões pertinentes em relação ao valor efêmero de tais ideologias. [...] visto que a verdade sobre o homem está íntima e necessariamente ligada à verdade sobre Deus. A nova evangelização há de dar assim uma resposta integral, pronta, ágil, que fortaleça a fé católica, nas

²⁰⁹ JOÃO PAULO II, 2005, p. 98.

²¹⁰ JOÃO PAULO II, 2005, p. 52-54.

²¹¹ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 11.

suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais.²¹²

Recorda o Papa polonês dos Novíssimos que eram pregados em retiros ou missões para converter o coração humano, consistiam eles na pregação sobre a morte, o juízo, o inferno, o paraíso e o purgatório. Sempre foram parte integrante fixa do programa, estando estes elementos “perfeitamente correspondentes ao conteúdo da Revelação no Antigo e no Novo Testamento, penetravam profundamente no mundo íntimo do ser humano.”²¹³ Na responsabilidade da sua liberdade reside uma grandiosidade para o homem diante de Deus.

Observa-se que o homem em certa medida se perdeu, perderam-se também os pregadores, os catequistas, os educadores que anunciavam com destemor às almas das realidades da fé como o inferno. O ser humano da presente civilização se tornou pouco sensível às coisas finais. Em vista desta insensibilidade, favorece o desenvolvimento “da secularização e o secularismo, com a conseqüente atitude consumista, voltada para o gozo dos bens terrenos.”²¹⁴ Sem contar os infernos temporais vividos no final do século, com os campos de concentração, de gulags, de bombardeamentos.²¹⁵

Assim sendo, viu-se como o cenário do ser humano moderno esta permeado de alegrias mas, também de angustias. Neste contexto atual de sistemas políticos que violam a dignidade humana, de valores contrários ao cristianismo, mas de um ser humano que contém no mais íntimo de si o desejo de Deus, cabe a Igreja descobrir novos caminhos para levar a salvação aos corações e mentes do gênero humano.

²¹² JOÃO PAULO II. **Discurso de abertura dos trabalhos da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. Santo Domingo, 12 out. 1992. Não paginado. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html>. Acesso em: 09 mai. 2019.

²¹³ JOÃO PAULO II, 1994, p. 170.

²¹⁴ JOÃO PAULO II, 1994, p.170-172.

²¹⁵ JOÃO PAULO II, 1994, p.172-173.

3 A NOVIDADE DA EVANGELIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A partir dos ensinamentos de Wojtyla serão expostas as características da nova evangelização, bem como em que ela consiste, quais as razões para existir, quem são os seus sujeitos, a quem ela é destinada, qual sua finalidade.

3.1 O QUE É A NOVA EVANGELIZAÇÃO²¹⁶

²¹⁶ O conceito nova evangelização foi cunhado por João Paulo II, sendo pronunciado por ele, em 9 de junho de 1979, na sua primeira visita à Polônia. Tal termo estava dentro de uma reflexão sobre a cruz de Nova Huta. Cruz esta que é

a medida da dignidade humana, enfatizando o trabalho industrial que ali continha. A dignidade do homem é a categoria fundamental para pautar o trabalho. Cita Wojtyła três vezes o termo falando a partir da cruz erguida nas vésperas do novo milênio como um sinal à urgência de uma nova evangelização em todas as dimensões novas, de um novo tempo. Posteriormente vai desenvolver profundamente o conceito, a nova proposta para um novo tempo. [JOÃO PAULO II. **Homilia do Santo Padre no Santuário da Santa Cruz**. Moglia, 6 de jun. 1979. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html>. Acesso em: 10 de set. de 2018, n 3]. No entanto, tal conceito foi tema de artigos, criticando a autoria de João Paulo II. Mas, atribuindo às conclusões da II Conferência Episcopal Latino-Americana. Um dos artigos contrários é de autoria de Agenor Brighenti. Que diz “para nos remeter à origem da expressão, comumente nos referimos a um discurso de João Paulo II em uma Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano, realizada no Haiti, em 1983.” Contradizendo a verdade histórica do pronunciamento de 1979 na Polônia. [BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. **Perspectivas teológicas**: revista da FAJE, Belo Horizonte, ano 2013, ano 45, p. 86-106, 2013. p. 83-96]. Além disso, defende Brighenti que “nova evangelização” é uma categoria que aparece já na Conferência de Medellín (1968), para expressar a exigência de levar adiante a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), através de um novo modelo de pastoral: passar de uma “pastoral de conservação”, com ênfase na sacramentalização (de cristandade), para uma pastoral transformadora (Med 6,1), com ênfase na evangelização (de pós-cristandade).” Ao ser consultada a referência supra citada nas conclusões de Medellín, tanto em português, quanto na língua original espanhol [Disponível em: <http://www.diocese-braga.pt/catequese/sim/biblioteca/publicacoes_online/91/medellin.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2019], não encontra-se a ideia que tal termo expressa. Unicamente a citação “Incentivar uma nova evangelização e catequese intensiva que alcance as elites e as massas para alcançar uma fé lúcida e comprometida.” No contexto da frase no texto não é elaborado ou desenvolvido o conceito. Nenhuma outra citação é encontrada em todo o documento de Medellín. Outro artigo, de Caldeira continua o equívoco: “João Paulo II, não raro, é considerado “pai” da “nova evangelização”. Contudo, o que ele fez foi relançar como slogan, “ordem do dia”, “ideal e programa” o termo cunhado pelos bispos na América Latina. O pontífice em seu discurso ao CELAM no Haiti, em 1983, fala pela primeira vez em solo latino-americano de “nova evangelização” [CALDEIRA, Cleusa. Medellín e o imperativo da nova evangelização. **Teocomunicação**. Revista da PUCRS, Porto Alegre, ano 48, n. 2, 2018. p. 241-250]. Embora Caldeira diga em seu artigo que em Medellín buscou-se um desprendimento da pastoral ordinária para uma transformadora, e considerou João Paulo II como um pontífice de involução eclesial, que ele não segue como ponto de partida a renovação do

Evangelizar é anunciar a Boa Nova. É uma obrigação de cada fiel batizado. “É, em primeiro lugar, anunciar Jesus Cristo: sua vida e doutrina, seus valores e opções, sua morte e ressurreição para nós.”²¹⁷ A Boa Notícia consiste na comunicação de Deus Senhor misericordioso para com todos, que ama infinitamente os homens e foi seu desejo intervir pessoalmente nesta história, através de Jesus, que morreu e ressuscitou para libertar do pecado e de todas as suas consequências e fazer o gênero humano compartilhar da vida divina.²¹⁸

A missão da Igreja continua detentora do dever em todos os tempos de “modo particular, do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e de endereçar a consciência e experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo.”²¹⁹ Quando o Papa aponta um caminho novo de evangelização quer dizer que

não se trata de inventar um programa novo. O programa já existe, é o mesmo de sempre, expresso no evangelho e na Tradição viva. Concentra-se em última análise, no próprio Cristo, que temos que conhecer, amar, imitar, para n’Ele viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até à sua plenitude, na Jerusalém celeste.²²⁰

Em todas as dimensões do ensino, da celebração e do governo, a Igreja é chamada à fidelidade à Palavra de Deus em unidade com a Tradição. Nas afirmações teológicas, as exposições sobre a fé devem renovar suas metodologias, tendo em vista um serviço mais eficaz à evangelização.²²¹

Concílio Vaticano II e a teologia latino-americana. O não seguir a proposta de evangelização de tendência latino americana, pode-se relativamente concordar que sim. Mas, em relação ao Concílio é seu fundamento eclesial.

²¹⁷ JOÃO PAULO II. **Homilia do Santo Padre João Paulo II, Veracruz, México.** Vaticano, 7 de mai. 1990. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1990/documents/hf_jp-ii_hom_19900507_veracruz.html>. Acesso em: 10 de set. de 2018.

²¹⁸ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado. México.

²¹⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH. 11.

²²⁰ JOÃO PAULO II, 2001, não paginado; NMI 29.

²²¹ JOÃO PAULO II. **Discurso de João Paulo II no encerramento do congresso internacional, sobre a atualização dos ensinamentos conciliares.** Vaticano, 27 fev. 2000. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000227_vatican-council-ii.html>. Acesso em: 15 mai. 2019, não paginado; n° 5.

Para Wojtyła, alguns aspectos são pressupostos fundamentais para a nova evangelização. Primeiro, refere-se aos ministros ordenados, sabendo que precisam ser bem formados em todas as dimensões que lhes são próprias, deve haver um grande empenho em suscitar e preparar novas vocações, tarefa que dispensa árduo trabalho, mas que gera grandes frutos. Outro aspecto remete-se aos leigos. Estes, à luz do Vaticano II e de Puebla, devem ser formados e conscientizados do seu papel na construção da obra evangelizadora. A nova evangelização pretende tornar os leigos protagonistas da sua missão.

Um outro aspecto chave para iluminar este programa da nova evangelização é o documento de Puebla dedicado a esta temática. Puebla contém a renovação trazida pelo Vaticano II e as verdades evangélicas, pois isso é recomendado pelo Papa polonês. Todavia, não se pode ler tal documento com interpretações reducionistas ou distorcidas e fazer as aplicações de alguns aspectos deixando de lado outros.²²²

Acima foram vistos alguns aspectos-chaves do conceito que está sendo refletido. Seguindo a reflexão proposta, partindo da identidade profunda de evangelizar da Igreja, reconhecem-se novas situações que o mundo atual está imerso. Diante delas a Igreja deve trazer luzes e repostas ao homem moderno, apresentando um novo programa, que no seu conjunto pode ser definido como a nova evangelização. Tal programa deve fazer parte de todo o Povo de Deus. O Povo de Deus é chamado a assumir a nova missão, no seu entusiasmo, nos seus métodos, e na sua expressão, assim darão grande contributo.²²³ O núcleo vital desta nova evangelização deve ser o anúncio claro e inequívoco da pessoa de Jesus Cristo, isto é, o anúncio do seu nome, da sua doutrina, da sua vida, das suas promessas e do Reino de Deus.²²⁴

As distintas atividades da única missão evangelizadora da Igreja, podem ser distinguidas de acordo com a finalidade de cada uma: a missão *ad gentes*, destinada para os povos, os grupos humanos onde o Cristo e seu evangelho não são conhecidos; uma segunda atividade evangelizadora é o cuidado para com os povos já evangelizados; a terceira situação é a realidade dos lugares de antiga tradição cristã, onde inúmeros

²²² JOÃO PAULO II. **Discurso na abertura da XIX do CELAM**. Haiti, 09 mar. 1983. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.

²²³ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 67.

²²⁴ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 67.

batizados perderam o sentido real de sua fé em Cristo e na sua mensagem. Diante dessa situação surge a urgência da nova evangelização.²²⁵

Na proposta da nova evangelização está inclusa a urgência de preparar missionários para as necessidades da Igreja universal, para os territórios onde o Cristo não foi conhecido ainda. Constatando mesmo entre as Igrejas jovens na Ásia, na África, na América Latina e na Oceania, a necessidade do primeiro anúncio.²²⁶ As Igrejas que carecem de uma nova evangelização não podem cair na tentação de se fecharem em si mesmas.

O impulso missionário aos não cristãos deve estar presente. É dando a sua contribuição principalmente com vocações *ad gentes*, que participam mais perfeitamente na missão única da Igreja universal.²²⁷ A compreensão de nova evangelização concebida por Wojtyła, deixa claro que não se trata de proselitismo. Ela “não deve de modo algum ser confundida com o proselitismo, sem com isto negar o dever do respeito da verdade, liberdade e dignidade de cada pessoa.”²²⁸

A nova evangelização tem como princípio-base a civilização do amor. Esta é uma proposta, contrária à cultura laicizante, fortemente antirreligiosa, imersa na secularização, no materialismo, no consumismo, que viola a dignidade da vida desde o nascer até sua morte. O ódio e o egoísmo, o ter e o prazer estão na base desta civilização de morte. A civilização do amor quer encarnar o valores evangélicos através da cultura, propondo o amor como força fundamental da existência humana, da sua própria sobrevivência. Só o amor pode criar o bem no homem e entre os homens. Cultiva o ser e a doação, os valores absolutos e eternos, começando pela verdade, justiça, liberdade, paz etc.²²⁹

No fundamento da nova evangelização se encontra a vida de santidade e missionária que o Espírito de Cristo suscita naqueles que o acolhem. Somente na acolhida do Espírito é possível uma nova e poderosa evangelização. A partir da ação do Espírito gera-se homens e mulheres com uma moral nova, com um testemunho vivo na variedade

²²⁵ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 33.

²²⁶ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 37.

²²⁷ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 85.

²²⁸ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica *Ecclesia in Europa***. Roma, 28 jun. 2003. Não paginado. EEu 32. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html>. Acesso em 24 mai. 2019.

²²⁹ MONDIN, 2007, p. 778-779.

das vocações, uma moral nova nas suas responsabilidades e nas condições e situações de vida.²³⁰

Jesus, ao pregar sobre o Reino e seu amor pelos homens, apela à conversão do coração humano, propõe para os homens um caminho novo inaugurado por ele. Este convite à conversão daquilo que não corresponde ao Cristo, faz parte intrínseca da nova evangelização, neste sentido propor os fundamentos da moral, a nova evangelização se manifesta autêntica. Expande a sua força missionária, porque apresenta ao mundo homens renovados por um novo modelo de vida, os santos. A santidade é indissociável deste programa de evangelização. Tantos despercebidos pelos homens, mas neles de forma simples e fascinante se vê a beleza da verdade, a força libertadora que gera o amor de Deus, a fidelidade radical à lei do Senhor. Nos santos, reflexos da bondade de Deus, têm-se o modelo, uma motivação feliz para se configurar aos mandamentos e às bem-aventuranças.²³¹

A nova evangelização não quer se referir a conteúdos novos, mas unicamente às atitudes, ao estilo, ao esforço, à linguagem, à programação e aos métodos que devem ser de tal forma que torne real, clara e encantadora a resposta do Evangelho ao homem moderno. Esta nova forma de evangelizar quer dar ao homem as respostas fundamentais de sua existência. Deseja alcançar todas as suas dimensões, individuais, familiares e sociais e quer reconstruir o homem moderno que perdeu o sentido dos valores absolutos, da dignidade da pessoa. Deve mexer nas raízes profundas das escolhas pessoais e sociais.²³²

Este novo programa proposto por João Paulo II deve se tornar presente em toda a estrutura da Igreja. Os seus escritos e iniciativas querem fazer nova a dinâmica do anúncio da Boa Nova. Ele propõe encontros mundiais para atingir e responder a contextos e necessidades distintas, por exemplo: a convocação dos jovens em Roma, que deu origem às Jornadas Mundiais da Juventude; o encontro mundial das famílias; o grande Encontro Mundial de Oração com os membros das grandes religiões, juntas em Assis, que foi um passo eclesiológico grande no diálogo inter-religioso, ecumênico e com os judeus.

Para ele estas aproximações fazem parte do caminho de evangelização querido por Deus neste tempo. Traçou um itinerário de peregrinação em lugares sagrados das religiões monoteístas:

²³⁰ JOÃO PAULO II, 1993, p. 166; VS 108.

²³¹ JOÃO PAULO II, 1993, p. 164-165; VS 107.

²³² MONDIN, 2007, p. 776.

Cristianismo, Islamismo e Judaísmo, para gerar o reconhecimento da sua origem comum que passa por Abraão.²³³

No contexto atual, findou a época da sociedade cristã, onde os valores delineavam a vida dos homens. Hoje é muito mais desafiador os contextos de resistência para anunciar o Evangelho, ainda mais na mistura dos povos e culturas que concebe-se no contexto da globalização. O Papa polonês exorta dizendo que deve-se arder com o zelo das origens da pregação apostólica que seguiu ao dia de pentecostes, a este ardor una-se o sentimento incansável paulino: “ai de mim se não evangelizar.”²³⁴

Este novo ardor, novo entusiasmo, novas formas de anúncio para um novo tempo é um programa que deve se deter obrigatoriamente na renovação e nas respostas urgentes às famílias e Igrejas domésticas. Haja vista que são diversas as campanhas a favor do divórcio, de práticas anticoncepcionais, do aborto, logo destruindo as famílias e a sociedade. Estas deve estar envolvidas com renovado desenvolver do amor, do conhecimento de Deus, da preservação da dignidade humana.²³⁵

Diante das tantas violações da dignidade humana pela sociedade, por políticas, modelos econômicos, instituições de exploração do trabalho humano e do meio ambiente, a nova evangelização deve gritar com urgência com os componentes essenciais da doutrina social da Igreja. O mundo moderno precisa da luz do evangelho para romper suas escravidões.²³⁶

3.2 RAZÕES PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

A nova evangelização contém razões que a tornam ainda mais consistente. Ela surge como uma forma de responder às situações da evangelização atual. Em João Paulo II encontra-se uma riqueza “inesgotável de sua formulação e de sua argumentação antropológica em ordem ao convite de renovação de uma nova evangelização que não deixa de convidar nossas igrejas.”²³⁷

A Igreja quer ser no mundo inteiro a Igreja dos pobres, todavia permanece de todos, para distribuir a todos os homens o mistério da

²³³ FALCÃO, 2008, p. 59-66.

²³⁴ JOÃO PAULO II, 2000, não paginado; NMI 40.

²³⁵ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; Puebla.

²³⁶ JOÃO PAULO II, 1991, p. 16; CA 4.

²³⁷ TRUJILLO, 1985, p. 193.

salvação.²³⁸ A Igreja deve envolver-se neste contexto de contrariedade com a dignidade do homem na estrutura social. Tem que “explicitar os princípios éticos que devem inspirar estas reformas.”²³⁹ Deus jamais quer ver seus filhos numa situação infra-humana, na miséria. A Igreja é convocada a sentir com cada homem seus dramas, a fim de conduzir ao revestimento da dignidade autêntica do homem.²⁴⁰

A Igreja é chamada à nova evangelização a partir de sua própria natureza missionária. O Papa polonês insiste que pelo exemplo da união íntima de Cristo com o homem é necessário que

abreiremo-nos também de todas as culturas, de todas as concepções ideológicas e de todos os homens de boa vontade. E aproximarmo-nos com aquela estima, respeito e discernimento que, [...] distinguem a atitude missionária e do missionário.²⁴¹

É tarefa fundamental da Igreja conduzir o homem, o seu pensar e a experiência de toda a sua humanidade para o magnânimo mistério de Jesus. Tocando suas profundezas interiores, seus corações, consciências e vicissitudes.²⁴²

A missão renova, entusiasmo, traz novas motivações à própria Igreja. É dando o que ela tem de mais precioso aos homens que ela se fortalece e exerce sua identidade, assim a urgente conscientização pela missão universal deve entrar como um dos pontos que são prioridades da nova evangelização. Num mundo que conhece feitos maravilhosos, se encontra uma perda de sentido último das coisas e até mesmo de sua existência. O que motiva a Igreja a fazer este apelo novo de evangelização é o serviço primeiro que ela é convocada a realizar ao homem e à humanidade.²⁴³

A Igreja não tem por missão uma intervenção direta através da técnica, do plano econômico, político, no desenvolvimento dos povos, ela quer oferecer aos povos não o ter mais, mas o ser mais, a partir do Evangelho. Respondendo ao progresso humano, fazendo ecoar que o

²³⁸ JOÃO PAULO II, 1986, p. 28.

²³⁹ JOÃO PAULO II, 1986, p. 29.

²⁴⁰ JOÃO PAULO II, 1986, p. 42.

²⁴¹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 12.

²⁴² JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 10.

²⁴³ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 2.

homem é filho de Deus, que deve ser liberto de todas as formas de injustiças, deve ser considerado em sua integralidade; o empenho pelo progresso é pelo homem todo, e de todos os homens. Na evangelização do mundo, a Igreja dá sua colaboração no desenvolvimento também através de hospitais, universidades, escolas. Todavia, para além dos auxílios materiais, ela tem a obrigação da formação das consciências, alcançando as mentalidades e costumes dos povos.²⁴⁴

A Igreja na nova evangelização que se apresenta é motivada à promoção do próprio homem. Do evangelho, nasce o anúncio do Cristo que leva à conversão, ao reconhecimento da dignidade do homem e ao compromisso que lhe é imputado de justiça e paz já nesta vida, frutos de uma adesão ao projeto de Deus, que é o seu Reino, que já nesta vida inicia sua construção. Jesus é o modelo e a fonte do progresso humano.²⁴⁵

A novidade contemporânea de evangelizar não pode deixar obscuras as verdades sobre o próprio homem. Por isso, quer se dirigir aos países envoltos pela miséria moral, espiritual e religiosa, ocasionadas sobretudo: pelo desenvolvimento alicerçado que o homem será mais homem pelo que produz. O exagero da opulência é tão destruidor quanto o excesso da pobreza. A parte rica do planeta concentrada no hemisfério norte, que alcança os tidos como subdesenvolvidos com seus princípios submergindo-os no consumismo.

A Igreja não pode se calar diante do contraste entre ricos e pobres. Os ricos devem tornar-se irmãos dos pobres, abraçando uma vida mais austera, pautada por valores éticos e religiosos. Esta novidade na evangelização “entre outras tarefas, deve criar nos ricos a consciência de que chegou o momento de se tornarem realmente irmãos dos pobres, na conversão comum ao progresso integral, aberto ao Absoluto.”²⁴⁶

A esperança cristã coloca a Igreja num empenho profundo pela causa da nova evangelização e da missão universal. Quantos contextos atuais favoráveis pelo desejo de liberdade, de justiça, de fraternidade, tendências dos povos modernos a superar o racismo, o nacionalismo. A rejeição da violência e da guerra, bem como o respeito pela dignidade humana com seus direitos constitutivos. Na esperança cristã se motiva cada fiel a buscar a construção do Reino de Deus.²⁴⁷ Inúmeros ambientes e culturas aguardam a apresentação desse projeto de Reino, a ânsia

²⁴⁴ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 58.

²⁴⁵ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 59.

²⁴⁶ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 59.

²⁴⁷ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 86.

apostólica é elemento que move e inquieta os corações dos crentes à transmissão da luz e da alegria da fé:

não podemos ficar tranquilos, ao pensar nos milhões de irmãos e irmãs nossos, também eles redimidos pelo sangue de Cristo, que ignoram ainda o amor de Deus. A causa missionária deve ser, para cada crente tal como para toda a Igreja, a primeira de todas as causas, porque diz respeito ao destino eterno dos homens e responde ao desígnio misterioso e misericordioso de Deus.²⁴⁸

A nova evangelização quer responder aos materialismos da época atual que desencadeiam inúmeras formas de insaciabilidade do coração humano. Na intenção romper com os materialismos atuais, o Papa polonês, convida a meditar e clamar a ação do Espírito Santo.²⁴⁹ Ela quer ser resposta às árduas problemáticas modernas que se espalham no mundo: O indiferentismo religioso e o ateísmo nas suas várias formas, sendo a principal, o secularismo.

O homem ávido pelas suas conquistas encantadoras científico-técnológico é tentado a querer ser Deus, usando de uma liberdade sem limites, afoga-se no esquecimento do divino, como algo vazio de significado para sua vida, recusando adorar e servir ao seu Criador, cria e serve vários ídolos. Não só alguns indivíduos, mas populações têm sido alcançadas pelo secularismo, um fenômeno de descristianização avassalador sem mais titubear uma nova evangelização.²⁵⁰

3.3 OS SUJEITOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Em uma homilia no Santuário da Santa Cruz, em Moglia, Polônia, no dia nove de junho de 1979, na sua primeira viagem à terra natal universalizando o conceito de nova evangelização, dizia na homilia:

a evangelização do novo milênio deve referir-se à doutrina do Concílio Ecumênico Vaticano II. Deve ser, como ensina este, obra comum dos bispos, dos sacerdotes, dos religiosos e dos leigos, obra dos

²⁴⁸ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 86.

²⁴⁹ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado, RH 18.

²⁵⁰ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 4.

pais e dos jovens. [...] Nestes novos tempos, novas condições, iniciou uma nova evangelização.²⁵¹

Um eixo conciliar que o papa apela a todos os batizados é a redescoberta da *missio ad gentes* ratificando o apelo urgente que se afrouxou.²⁵² “A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio no empenho pela missão universal.”²⁵³ O dinamismo missionário é causa nobre, que deve ser avivado ainda mais. Um dos seus gestos foi a realização de um sínodo para cada continente, a fim de refletir os desafios de evangelizar em cada realidade continental. Posterior a cada sínodo, escreve uma exortação pós-sinodal, para cada continente, dando um passo de autonomia de caminhada contextual às Igrejas continentais em unidade com Pedro.

Este dinamismo missionário além fronteiras não cabe somente aos clérigos e religiosos e religiosas, cabe de forma renovadora aos fiéis leigos. Essa redescoberta conciliar deve fomentar toda a Igreja.²⁵⁴ Diz o Papa que a solução desta grande carência de anunciadores só será possível com a missão de todos. “Se todos os membros da Igreja a assumirem de forma verdadeiramente solidária e responsável, tanto singularmente como em comunidade é que se poderá confiar numa resposta mais eficaz.”²⁵⁵

Os leigos são reconhecidos na comunhão eclesial, nas suas mais diversas formas agregativas, são chamados também na participação da finalidade apostólica de evangelização e santificação dos homens, fermentando em todos os ambientes contemporâneos o anúncio do Cristo. “Exige-se de todas as formas agregativas de fiéis leigos, e de cada um deles, um entusiasmo missionário que os torne, sempre e cada vez mais, sujeitos de uma nova evangelização.”²⁵⁶

A partir do Vaticano II iniciaram-se inúmeros sínodos em níveis diocesanos, nacionais, regionais, continentais e os chamados sínodos gerais que envolvem toda a Igreja. Estes são parte essencial da nova evangelização, nascem na visão de Igreja conciliar. Há um vasto espaço para o protagonismo laical, cada fiel é expressão da força de Cristo entre

²⁵¹ JOÃO PAULO II, 1979, p. 3; Homilia.

²⁵² JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 2.

²⁵³ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 2.

²⁵⁴ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 35.

²⁵⁵ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 35.

²⁵⁶ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 30.

o Povo de Deus, que participa na missão profética, sacerdotal e real do Salvador.²⁵⁷

O sujeito principal da nova evangelização é o Espírito Santo. Ele que age pela via sacramental por excelência na Confirmação, ele que na Igreja suscita ministérios e distribui dons para a edificação do Corpo místico de Cristo, guarda e fomenta nos corações a unidade. Produz nos fiéis a caridade, testemunho eloquente para o mundo de Cristo.²⁵⁸

O Espírito é também, na nossa época, o *agente principal da nova evangelização*. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro da existência humana os germens da salvação definitiva, que acontecerá no fim dos tempos.²⁵⁹

Para este novo tempo de anúncio do Evangelho, a Igreja continua firme e disposta a se lançar em novas fronteiras e desafios. Ela convoca todos os cristãos. “Às Igrejas particulares e à Igreja universal, pede-se a mesma coragem que moveu os missionários do passado, a mesma disponibilidade para escutar a voz do Espírito.”²⁶⁰

Dentre os sujeitos da nova evangelização e da missão universal que dela faz parte, tem-se memória que foi confiada primeiramente ao colégio dos apóstolos, tendo Pedro como cabeça. Inserido na nova evangelização, está a *missio ad gentes*, tarefa nuclear dos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro.²⁶¹ Todas as Igrejas são chamadas a sentir com o Papa a solicitude pela missão universal, sejam Igrejas novas ou sejam as antigas. A comunhão entre as Igrejas deve estar orientada para a reevangelização dos povos.²⁶²

Dentre tantos serviços, funções e ministérios na Igreja, têm surgido nos tempos atuais movimentos eclesiais, com um paradigma bem missionário. Eles se inserem nas estruturas diocesanas e pastorais, são um

²⁵⁷ JOÃO PAULO II, 1994, não paginado; TMA 21.

²⁵⁸ JOÃO PAULO II, 1994, não paginado; TMA 45.

²⁵⁹ JOÃO PAULO II, 1994, não paginado; TMA 45.

²⁶⁰ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 30.

²⁶¹ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 63.

²⁶² JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 63.

verdadeiro dom de Deus para a nova evangelização e a missão universal, segundo Wojtyła. Possuem uma visão bem diversificada um do outro, bem como às formas de se exprimir.²⁶³

Uma outra presença protagonista que se destaca entre os leigos, que não pode faltar para a dilatação do evangelho e da Igreja são os catequistas. Estes enfrentam as várias mudanças eclesiais e sociais do tempo presente. Devem ser pessoas preparadas, testemunhas ardentes da fé. As Igrejas antigas que se lançam na nova evangelização devem multiplicar e intensificar a catequese.²⁶⁴ No contexto da nova evangelização, a fé não pode ser pressuposta, mas deve ser exposta com clareza e totalidade. A catequese, que é dimensão essencial para esta nova evangelização, forma a mente e toca o coração, faz o cristão trilhar o caminho formativo da fé, esperança e caridade, abraçando o Cristo inteiramente.²⁶⁵

Toda a Igreja, tanto pastores como fiéis têm que sentir a responsabilidade de corresponder ao mandato de Jesus de pregar o evangelho a toda a criatura, ela deve renovar seu empenho missionário. Dando-se conta da grande tarefa exigida a ela hoje: uma nova evangelização. Os leigos por excelência são convocados para no mundo testemunhar e anunciar o evangelho ao serviço.²⁶⁶

Sujeitos indispensáveis para a nova evangelização são os homens e mulheres consagrados, que com seu testemunho, sua santidade, profecia e tantos trabalhos de evangelização e de promoção e defesa da vida no homem, fazem o Cristo mais conhecido e amado. Também os Institutos seculares e as Sociedades de vida apostólica são contribuintes importantes nas suas dinâmicas de transformar o mundo.²⁶⁷

Ainda sobre os sujeitos da nova evangelização, destaca João Paulo II que é impensável sem a contribuição das mulheres, de forma especial das consagradas. Devem contribuir para eliminar visões que ferem sua dignidade, que são reducionistas, que as excluem da ação e missão na Igreja. Que as mulheres manifestem sem cessar sua identidade, suas capacidades, sua missão, dentro e fora da Igreja, sejam medianeiras de

²⁶³ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 72.

²⁶⁴ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 73.

²⁶⁵ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EEu 69.

²⁶⁶ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 64.

²⁶⁷ JOÃO PAULO II, 2003, não paginado; EEu 37.

libertação e promotoras de mentalidades e comportamentos queridos por Jesus.²⁶⁸

Em novos tempos, o Espírito suscita novos modos de vida. Destacam-se como sujeitos novos as novas fundações. Detém uma originalidade própria em comparação as tradicionais, tendem à vida comunitária, à pobreza e à oração. Geralmente constituem-se por todos os estados de vida: clérigos e leigos, casados e solteiros. Estas fundações atendem as solicitações nova da evangelização.²⁶⁹

3.4 DESTINATÁRIOS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

“Povos, abri as portas para Cristo.” A época em que se vive oferece pontos positivos: queda de ideologias e sistemas políticos opressores, unidade no mundo pelas comunicações, paz, justiça, fraternidade têm se manifestado entre os povos. Contrário a um desenvolvimento sem alma que está a suscitar a necessidade da verdade de Deus. Chegou o momento de investir com todas as forças eclesiais na nova evangelização e na *missio ad gentes*.²⁷⁰

Para com a sociedade a Igreja deseja infundir uma tensão nova para fazê-la uma comunidade espiritual, também materialmente ordenada e feliz. Uma guia dos homens para o bom viver, que se faz através das virtudes, estas se fazem a substância do bem comum temporal, ao qual à luz do fim último, os cidadãos devem ser orientados pelo estado à este bom viver. Orientação pela qual toda a Igreja deve exercer para com os indivíduos e os povos, ela não se isenta do fadigoso caminho da humanidade, mas dele compartilha de modo intenso e profundo.²⁷¹

É na luz do Sumo Bem que regula a existência humana, que a Igreja contribui para a promoção da dignidade da pessoa humana, bem como os vínculos de unidade “entre os indivíduos e povos, como também pondo em evidência o significado espiritual do trabalho quotidiano no grande desígnio da criação e o justo desenvolvimento da liberdade.²⁷²

A Igreja animada pela fé tem uma solicitude constitutiva pelo homem, por sua humanidade e seu futuro na terra. Sente-se responsável, como elemento essencial de sua missão, por ser luz, orientadora de todo

²⁶⁸ JOÃO PAULO II, 1996, não paginado; VC 57.

²⁶⁹ JOÃO PAULO II, 1996, não paginado; VC 62.

²⁷⁰ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 3.

²⁷¹ JOÃO PAULO II, 2001, p. 173-174.

²⁷² JOÃO PAULO II, 2001, p. 174.

o desenvolvimento e progresso do homem.²⁷³ O homem é seu destinatário da evangelização primaz.

O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social — no âmbito da própria família, no âmbito de sociedades e de contextos bem diversos, no âmbito da própria nação, ou povo (e, talvez, ainda somente do clã ou da tribo), enfim no âmbito de toda a humanidade — este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é *a primeira e fundamental via da Igreja*, via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção.²⁷⁴

Na homilia inaugural de sua eleição a sucessor de Pedro, declara-se como seguidor de Cristo a serviço do homem e da humanidade toda. Convida a todos para não terem medo daquele que inaugurou a salvação para o gênero humano, Jesus Cristo. Suplica a todos os homens que escancarem as portas do coração a Cristo. “Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso!”²⁷⁵

Nessa interpelação inicial, vê-se o desejo do Papa polonês, de querer colocar Cristo em todas as esferas em que vive o homem. A nova evangelização é destinada,

não apenas aos indivíduos, mas a inteiras faixas de população, nas suas diversas situações, ambientes e culturas, tem por fim formar comunidades eclesiais maduras, onde a fé desabroche e realize todo o seu significado originário de adesão à pessoa de Cristo e ao Seu Evangelho, de encontro

²⁷³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 15.

²⁷⁴ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 14.

²⁷⁵ JOÃO PAULO II. **Homilia do Papa João Paulo II no início do seu pontificado.** Vaticano, 22 out. 1978. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

e de comunhão sacramental com Ele, de existência vivida na caridade e no serviço.²⁷⁶

A Igreja necessita avançar na sua evangelização! Obrigatoriamente deve entrar numa nova etapa histórica do seu dinamismo missionário, diante do secularismo que atinge vastamente as comunidades cristãs, pela visível descristianização, urge um novo impulso, uma nova evangelização.²⁷⁷

É necessário reconhecer a interdependência entre as diversas atividades salvíficas da Igreja, cada uma complementa a outra. Os confins, os limites, entre o cuidado pastoral dos fiéis, a nova evangelização e a atividade missionária *ad gentes* não são de fácil identificação. Além do mais, entre eles não se pode criar muros ou atividades estanques, todas têm sua validade evangelizadora. Na realização da missão *ad intra*, a Igreja deve sentir-se impelida a missão *ad extra*. Os povos aguardam o anúncio primeiro daquelas que já receberam.²⁷⁸

A missão *ad gentes*, referida acima, deve fazer parte do programa da nova evangelização. Nas Igrejas locais jovens e antigas, se propaguem a identidade missionária eclesial através de formação, bem como testemunhos dos missionários. Trabalho este que é central na vida cristã.

Para a nova evangelização dos povos cristãos, o tema missionário pode ser de grande proveito: o testemunho dos missionários mantém efetivamente e seu fascínio sobre os que se afastaram e os descrentes, e transmitem valores cristãos. As Igrejas locais, pois insiram a animação missionária como elemento fulcral na pastoral ordinária das dioceses e paróquias, das associações e grupos, especialmente juvenis.²⁷⁹

A validade e reconhecimento dentro do programa da nova evangelização do anúncio aos que desconhecem Cristo, mesmo com os desafios *ad intra* são essenciais. Entre povos que migram como budistas, islâmicos, hinduístas, indo para territórios evangelizados, mas sem saber

²⁷⁶ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

²⁷⁷ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 4.

²⁷⁸ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 34.

²⁷⁹ JOÃO PAULO II, 1990, não paginado; RM 83.

de Cristo. Ainda entre os próprios lugares dentro de países evangelizados, existem povos e etnias que ainda desconhecem Cristo. Milhares e milhares de homens desconhecem Jesus e sem fé padecem da mais grave pobreza. Jamais deixe-se de promover a primeira evangelização a povos distantes geograficamente que não conhecem o Cristo, não é justificativa a espera de situações melhores dos lugares já evangelizados.²⁸⁰

Há um campo em que a nova evangelização é destinada e, ao mesmo tempo, incumbida de utilizar-se para evangelizar, que são as novas comunicações, que geram uma nova cultura. As comunicações têm uma expansão universal, modelando culturas e povos a determinados ideais, esta nova cultura é fruto dos progressos tecnológicos do homem, que despertam na humanidade “novos modos de comunicar, com novas linguagens, novas técnicas e novas atitudes psicológicas.”²⁸¹

A Igreja tem esta árdua tarefa de anunciar a verdade do evangelho adaptando-se às novas situações, que precisam ser descobertos métodos novos, eficazes e responsáveis através dos meios de comunicação social.²⁸² Para Wojtyła “a nova evangelização deve penetrar em todos os setores da sociedade, de maneira particular naquilo que forma a sua tessitura interior, a cultura.”²⁸³

A nova evangelização exige um programa profundo para evangelizar a cultura, a salvação inaugurada por Deus é para todas as culturas e povos. Derramado o Espírito Santo sobre a humanidade, quer congregar todos os povos e culturas em um só pelo amor, a exemplo da Trindade. Para isso ser real, o evangelho deve ser inculturado na linguagem e cultura de quem o ouve. Aí sim a unidade e a paz, a partir do mistério pascal, serão autênticas na humanidade.²⁸⁴

Os vários bens culturais que a Igreja conserva há séculos são instrumentos para a nova evangelização. São um convite para redescobrir o sentido do mistério. As novas expressões artísticas da fé sejam ricamente promovidas.

²⁸⁰ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 74

²⁸¹ JOÃO PAULO II. **Mensagem para 27º dia mundial das comunicações sociais.** Vaticano, 24 jan. 1993. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011993_world-communications-day.html>. Acesso em: 22 mai. 2019.

²⁸² JOÃO PAULO II, 1993, não paginado.

²⁸³ MONDIN, 2007, p. 777.

²⁸⁴ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 70.

Com efeito, a Igreja tem necessidade da arte, literatura, música, pintura, escultura e arquitetura, porque deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus e porque a beleza artística, como reflexo do Espírito de Deus, é um cifrado do mistério, um convite a buscar o rosto de Deus que se tornou visível em Jesus de Nazaré.²⁸⁵

Na cultura destinatária da nova evangelização se faz necessário um conhecimento profundo dos meios de comunicação que moldam e configuram a sociedade atual, através destes recursos midiáticos devem-se inculturar o evangelho. A fim de moldar a cultura e os homens deste tempo, uma ação pastoral eficaz se faz necessária através destes instrumentos novos de comunicação social. Formar leigos capacitados para trabalhar nesta área, centros de produção qualificada, uso de satélites e novas tecnologias, formação de fiéis críticos, adquirir e gerir redes televisivas.²⁸⁶

A evangelização em uma estilo novo, traz através do anúncio do evangelho renovação a cada tempo, nos seus métodos e ardor, se destina a responder ao declínio do sentido moral da sociedade. Antecedido pela perda da fé entre tantos povos. Uma dissipação dos princípios e valores éticos fundamentais, em lugar de tais valores morais, elevam-se tendências subjetivistas, relativistas e utilitaristas que se expressam na concretude de inúmeras pessoas.

Tais valores contrários ao evangelho reivindicam uma legitimidade cultural e social, por isso, urgente é a tarefa de evangelizar a cultura contrapondo tantos anti-valores morais fundamentais.²⁸⁷ Constata-se a urgência da reflexão teológica e o papel dos moralistas nesta área cultural e social. A nova evangelização destina-se à geração e nutrição da fé que opera pela caridade, os valores morais devem ainda mais se fazerem luz na vida da cultura.²⁸⁸

No contexto vivo desta nova evangelização, destinada a gerar e a nutrir a fé que atua pela caridade, e em relação com a obra do Espírito

²⁸⁵ JOÃO PAULO II, 2003, não paginado; EEu 60.

²⁸⁶ JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 72.

²⁸⁷ JOÃO PAULO II, 1993, não paginado; VS 106.

²⁸⁸ JOÃO PAULO II, 1993, não paginado; VS 106.

Santo, podemos agora compreender o lugar que, na Igreja, comunidade dos crentes, compete à *reflexão que a teologia deve desenvolver sobre a vida moral*, assim como podemos apresentar a missão e a responsabilidade própria dos teólogos moralistas.²⁸⁹

Por excelência, os destinatários da nova evangelização são todos os contextos que perecem pela descristianização. Desde regiões à nações inteiras, atingidas de forma destruidora pelo indiferentismo, pelo secularismo e pelo ateísmo; sobressaem como atingidos maiores os países do primeiro mundo, onde o bem-estar social e o consumismo desenfreado geram uma autossuficiência. O homem vive como se Deus não existisse, um ateísmo ao lado de um indiferentismo.²⁹⁰

Cada vez mais, onde a fé ainda responde pelas suas manifestações e expressões marcantes da vida, ao nascer, sofrer e morrer, tende a desaparecer em muitos lugares, ficando sem repostas as perguntas e enigmas sobre a existência dadas pela fé, o ser humano fica à mercê da desilusão e a tentação de tirar a própria vida.

Em contrapartida, nos lugares onde são fortes as tradições de piedade popular surge o índice alto das seitas, só uma nova evangelização pode purificar a fé de tais perigos de alienação, e fazem da tradição uma oportunidade de gerar autêntica fé; para refazer os tecidos da sociedade humana, que é urgente, se faz necessário reconfigurar o tecido cristão das próprias comunidades.²⁹¹

O campo da educação é uma forma especial de tornar real a mensagem evangélica. Os centros de educação católica ou não confessionais, mas de inspiração católica, devem preservar a referência à pessoa de Jesus e sua mensagem de acordo com a dogmática e moral católica. Só assim poderão se formar profissionais autênticos cristãos, na economia, na ciência, na arte e na reflexão filosófica. A identidade das universidades católicas devem ser autênticas. Índole católica deve integrar a instituição universitária. Apóstolos exímios e eficazes para os meios estudantis são os próprios universitários.

Referindo-se às escolas católicas, exorta Wojtyła que retomem a sua identidade na pessoa e mensagem de Jesus no mais profundo dos seus planos educacionais. Além da boa qualidade do ensino cuide-se da formação integral da pessoa. As escolas católicas devem alcançar todos

²⁸⁹ JOÃO PAULO II, 1993, não paginado; VS 108.

²⁹⁰ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

²⁹¹ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

os níveis da sociedade, tendo atenção especial para os mais marginalizados. Só libertando os indigentes de uma indigna educação se poderá libertar os indigentes de sua pobreza material, os ramos educacionais fazem parte privilegiada no plano da nova evangelização. Sujeitos indispensáveis os consagrados e consagradas que sejam fiéis neste carisma, e aos leigos docentes no meio estudantil.²⁹²

3.5 FINALIDADE DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

A Igreja instituída e querida por Deus, tem uma única finalidade para o Papa polonês,

que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida com a potência daquela verdade sobre o homem e sobre o mundo contida no mistério da encarnação e da redenção, e com a potência do amor que de tal verdade irradia.²⁹³

Convida todos os cristãos, no contexto em que estão, a se redescobrir na escola da santidade. A chama acessa pelo Espírito em cada coração através do batismo é desejar fazer-se santo. Reflete sobre o cenário eclesial que precisa traçar caminhos novos, o ponto de partida da comunidade cristã é chave para chegar à nova evangelização. Ademais, a Igreja atualiza a Tradição, permanece

edificada e exprime-se o que ela é verdadeiramente, uma, santa, católica e apostólica; povo, templo e família de Deus; corpo e esposa de Cristo, animada pelo Espírito Santo; sacramento universal da salvação e comunhão hierarquicamente organizada.²⁹⁴

Em contextos de tradição cristã, também há o risco da secularização e acrescentou-se as seitas. “Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda, capaz de

²⁹² JOÃO PAULO II, 1999, não paginado; EAm 71.

²⁹³ JOÃO PAULO II, 1979, não paginado; RH 13.

²⁹⁴ JOÃO PAULO II, 2003, não paginado; EEu 61.

converter tais tradições numa força de liberdade autêntica.”²⁹⁵ Para refazer o cristianismo na sociedade é indispensável antes reconstruir o próprio tecido cristão das comunidades cristãs.²⁹⁶ A fim de que alcancem a maturidade e desenvolvam muitos frutos.

O Papa polonês menciona uma das imagens da Igreja tirada do contexto africano, de família de Deus, para designar a finalidade da Igreja, congregar todos os homens, a partir da imagem de família que gera solidariedade, acolhimento, confiança, relações calorosas. A nova evangelização porta esta imagem da Igreja como aquela que rompe exclusivismos, etnocentrismo e divisão. Esta imagem aponta para a partilha, reconciliação, comunhão sem criar muros pelas várias formas que se possa separar as diversas Igrejas particulares.²⁹⁷

A nova evangelização tem como meta gerar o encontro com a pessoa vida de Jesus Cristo, fazer com que o homem seja atraído, inquietado e despertado para um caminho novo, iluminado por Cristo. O Cristo feito carne, veio sedento pela salvação dos homens, esta finalidade está no cerne do objetivo da nova evangelização.²⁹⁸

Para renovar internamente o entusiasmo original das Igrejas, dirige-se a nova evangelização a todas as Igrejas, para que cada uma possa rever sua caminhada de evangelização. As mentalidades e concepções que possam contradizer a mensagem evangélica, pelas tentações de mundanização, o esfriamento da fé e do amor, e o risco também de se deixar levar pelas lógicas do mundo. Nas comunidades eclesiais, permeadas por seus tantos desafios e lutas constata-se que necessitam “ouvir de novo a voz do Esposo, que as convida à conversão, desafia-as a ousarem coisas novas e chama-as a comprometerem-se na grande obra da nova evangelização.”²⁹⁹

²⁹⁵ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

²⁹⁶ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 34.

²⁹⁷ JOÃO PAULO II, 1995, não paginado; EAf 63.

²⁹⁸ JOÃO PAULO II, 1995, não paginado; EAf 57.

²⁹⁹ JOÃO PAULO II, 2003, não paginado; EEu 23.

CONCLUSÃO

A nova evangelização como foi desenvolvida no presente trabalho, surge como uma resposta buscada e motivada por João Paulo II para adequar e atualizar a modalidade de anúncio para os territórios de tradição cristã antigos, onde desponta um paganismo, ateísmo e secularismo gigantescos. Novos valores anticristãos surgidos que querem tecer a cultura até então marcada pelos valores evangélicos.

A compreensão eclesiológica de Wojtyła é extremamente pautada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Seu magistério é uma continuidade e atualização do mesmo. A Igreja é um mistério que envolve o ser humano para torná-lo participante da vida divina em Cristo. Ela deve, como o mistério da encarnação, sair de si, e entrar na cultura dos povos revelando a salvação de Deus, ela é missão fundada na missão do Filho e do Espírito Santo, desejada pelo Pai, criada pelo Filho e manifestada pelo Espírito. Deve ir ao encontro de todos os homens como tarefa mais sagrada de sua essência, ela não é um grupo fechado ou isolado num território, mas mistério de comunhão, o Corpo de Cristo vinculado pelo Espírito.

O mundo contemporâneo, constata João Paulo II, traz novas oportunidades riquíssimas para anunciar o evangelho. As novas comunicações, a globalização, o desejo pela justiça, paz e solidariedade de muitas nações em consequências das grandes guerras e dos sistemas políticos destruidores que as atingiram; novas explorações do homem contemporâneo emergem, querendo desconsiderar sua dignidade inviolável. Correntes ateias e pagãs que portam valores para a sociedade contrários ou distantes do bem comum e da realização autêntica de cada filho de Deus.

Diante do cenário hodierno, o Papa polonês, por meio dos seus escritos e seu magistério, envolveu e exortou no urgente anúncio do Cristo, em um novo campo que não é aquele onde se desconhecem Jesus, nem o que a Igreja exerce um fecundo trabalho pastoral. Mas onde a tradição cristã era forte e começou a descristianização, novas formas, novo ardor deve penetrar as comunidades eclesiais para se lançar reavivando os valores e princípios cristãos a partir do encontro pessoal e real com Jesus de Nazaré. Um tempo novo para a Igreja e para o mundo, um novo modo de relação fecunda surge.

Vê-se, ao término desta pesquisa, que a proposta é atual e comprovada a eficácia dessa nova modalidade de evangelização para este tempo novo da humanidade. Assim cumpriu-se o objetivo que este se propôs, analisar o conceito de nova evangelização em Wojtyła, o seus

fundamentos eclesiológico, sua visão de homem e mundo contemporâneo, e a resposta nova que surge para transmitir o evangelho.

Tal pesquisa não se esgota com este trabalho, ao contrário, se faz ponto de partida para a continuação de pesquisas sobre os ramos específicos dentro dos vários elementos que comportam este programa de evangelização. Por exemplo, um aprofundamento da esfera das comunicações sociais que moldam fortemente a sociedade contemporânea; delinear os riscos e contributos da utilização delas; o mesmo tempo, o reconhecimento da necessidade inegável delas dentro do progresso do mundo moderno.

Ao pesquisar a nova evangelização em João Paulo II viu-se sua riqueza para a atualidade, a proposta de novas formas de anúncio. Seu conceito é atualizado pelos magistérios petrinos posteriores. Fica como sugestão para pesquisas futuras relacionar o conceito de nova evangelização com os novos caminhos propostos pelo papa Francisco à luz de sua encíclica Alegria do Evangelho.

A relevância profunda desta temática é iluminar, através de um estudo bibliográfico de conclusão de curso de teologia uma proposta, um programa de evangelização proposto por um Papa recente. Verificar sua aplicabilidade e sua atualidade ainda hoje, enquanto uma ferramenta para contribuir na caminhada contemporânea de evangelização da Igreja. Por meio desta pesquisa fica um contributo a ser consultado aqueles que ofertam suas vidas na dinâmica da nova evangelização. Ao realizar tal trabalho foi possível aprofundar e se encantar com o testemunho de santidade e ardor missionário de João Paulo II, sua sensibilidade pelo homem contemporâneo, seus dramas, angústias e progressos são enormes.

Neste caminho novo de evangelização cria-se para a sociedade, em especial as que estão em processo de descristianização, o surgimento de um programa que quer dar ao homem as respostas para seus dramas interiores, para as perguntas existenciais que contém dentro de si, quer novamente mostrar e renovar a defesa pela vida do seu início ao seu término, ecoar profeticamente o bem comum, a justiça, a paz e a solidariedade entes as nações que tanto delas precisam.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Carl e POLITI, Marco. **Sua Santidade João Paulo II: e a história oculta de nosso tempo.** Tradução M. H. C. Côrtes. 3 edição. Rio de Janeiro: Objetiva. 1996.

BRIGHENTI, Agenor. Por uma evangelização realmente nova. **Perspectivas teológicas:** revista da FAJE, Belo Horizonte, ano 2013, ano 45.

CALDEIRA, Cleusa. Medellín e o imperativo da nova evangelização. **Teocomunicação.** Revista da PUCRS, Porto Alegre, ano 48, n. 2, 2018.

FALCÃO, José Freire. **A vida e o pontificado de João Paulo II.** Brasília: LGE, 2008.

JOÃO PAULO II. **Homilia do Papa João Paulo II no início do seu pontificado.** Vaticano, 22 out. 1978. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Mensagem do Papa João Paulo II ao secretário-geral das Nações Unidas por ocasião do 30º aniversário da declaração dos direitos humanos.** Vaticano 02 dez. 1978. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1978/documents/hf_jp-ii_let_19781202_waldheim.html>. Acesso em: 06 mai. 2019.

_____. **Discurso do Papa João Paulo II na solene sessão de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** Puebla de los Ángeles, 28 jan. 1979. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html>. Acesso 03 mai. 2019.

_____. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis*.** Vaticano, 4 mar. 1979. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/hf_enc_19790306_redemptor-hominis.html>.

ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Homilia do Santo Padre no Santuário da Santa Cruz.** Vaticano, 6 de jun. 1979. Disponível em:<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta.html>. Acesso em: 10 de set. de 2018.

_____. **Discurso na sede da organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura- UNESCO.** Paris, 02 jun. 1980. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/june/documents/hf_jp-ii_spe_19800602_unesco.html>. Acesso em: 09 mai. 2019.

_____. **Homilia do Papa João Paulo II aos jovens de Belo Horizonte.** Belo Horizonte, 12 jun. 1980. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800701_youth-brazil.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

_____. **Carta Encíclica *Dives em Misericórdia*.** Vaticano, 30 nov. 1980. Disponível em:< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Carta Encíclica *Laborem Exercens*.** Vaticano, 14 set. 1981. Disponível em:< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Discurso do Papa João Paulo II aos participantes no Congresso da Pontifícia Academia das Ciências.** Vaticano Sala do Trono, out. 1982. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/october/documents/hf_jp-ii_spe_19821023_pont-accademia-scienze.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

_____. **Homilia de João Paulo II.** San Salvador, 06 mar. 1983. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/march/documents/hf_jp-ii_hom_19830306_san-salvador.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830306_san-salvador.html>. Acesso em: 03 mai. 2019.

_____. **Discurso na abertura da XIX do CELAM.** Haiti, 09 mar. 1983. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.

_____. **Concelebração Eucarística para a abertura da assembleia especial para África do sínodo dos bispos Homília do Papa João Paulo II.** São Pedro, 10 abr. 1994. Não paginado. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1994/documents/hf_jp-ii_hom_19940410_sinodo-africano.html>. Acesso em: 08 mai. 2019.

_____. **Discurso do Papa João Paulo II na última reunião ecumênica da Basílica de San Nicola.** Bari, 26 fev. 1984. Não paginado. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1984/february/documents/hf_jp-ii_spe_19840226_incontro-ecumenico.html> Acesso em 18 mar. 2019.

_____. **Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*.** Vaticano: 1985. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_19850602_slavorum-apostoli.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Constituição Apostólica *Pastor Bonus*.** Vaticano: 1985. Não paginado. PB 1. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html> Acesso em: 25 mar. 2019.

_____. **Princípios éticos para reformas sociais.** In: CNBB. **Palavra do Santo Padre ao Brasil.** São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Promovei alfabetização e educação de base.** In: CNBB. **Palavra do Santo Padre ao Brasil.** São Paulo: Loyola, 1986.

_____. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater*.** 15 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Exortação Apostólica *Christifideles Laici***. Vaticano: 1988. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Homilia do Santo Padre João Paulo II, Veracruz, México**. Vaticano, 7 de mai. 1990. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1990/documents/hf_jp-ii_hom_19900507_veracruz.html>. Acesso em: 10 de set. de 2018.

_____. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Vaticano, 7 dez. 1990. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Carta Encíclica *Centesimus Annus***. Vaticano, 1 mai. 1991. Disponível: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em 28 out. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis***. 8º ed. São Paulo: Paulinas. 1992.

_____. **Discurso de abertura dos trabalhos da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. Santo Domingo, 12 out. 1992. Não paginado. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html>. Acesso em: 09 mai. 2019.

_____. **Mensagem para 27º dia mundial das comunicações sociais**. Vaticano, 24 jan. 1993. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011993_world-communications-day.html>. Acesso em: 22 mai. 2019.

_____. **Carta Encíclica *Veritatis Splendor***. Vaticano, 6 ago. 1993. Disponível em:< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

_____. **Carta às famílias.** Vaticano: 1994. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html>. Acesso em: 04 mai. 2019.

_____. **Cruzando o limiar da esperança.** Tradução Antônio Angonese; Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. **Carta Apostólica *Tertio Millennio adveniente*.** Vaticano: 1994. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html>. Acesso em: 20 mai. 2019.

_____. **Carta Encíclica *Ut Unum Sint*.** Vaticano, 25 mai. 1995. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html>. Acesso em 27 out. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Ecclesia in África*.** Vaticano, 14 set. 1995. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Vita Consecrata*.** Vaticano, 25 mar. 1996. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Ecclesia in América*.** Vaticano, 22 jan. 1999. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. **Exortação Apostólica *Ecclesia in Ásia*.** Vaticano, 6 nov. 1999. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. **Discurso de João Paulo II no encerramento do congresso internacional, sobre a atualização dos ensinamentos conciliares.**

Vaticano, 27 de fev. de 2000. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000227_vatican-council-ii.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. O rosto da mãe do Redentor. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Virgem Maria: 58 catequeses do Papa sobre Nossa Senhora**. Lorena: Cléofas. 2000.

_____. Dimensão histórica e projeção escatológica da união esponsal da Igreja com Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja no credo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. Sim à Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O nome da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja no desígnio eterno do Pai. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. Reino de Deus, Reino de Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A obra de Cristo na fundação da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O crescimento do Reino de Deus segundo as parábolas evangélicas. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O Espírito Santo na origem da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja e o mistério trinitário. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O Povo de Deus no antigo testamento. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja, Povo de Deus. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja, Corpo de Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja, mistério e comunhão. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja prefigurada como Esposa no antigo testamento. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja delineada como Esposa pelos Evangelhos. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena - SP: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja descrita por São Paulo como Esposa. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. Dimensão histórica e projeção escatológica da união esponsal da Igreja com Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja, mistério de comunhão fundado no amor. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O primeiro gérmen da comunhão eclesial. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja-comunhão no período após o Pentecostes. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja mistério de comunhão na santidade. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O batismo na Igreja comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A confirmação na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Eucaristia na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Penitência na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Unção dos enfermos na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. O Matrimônio na Igreja, Comunidade sacerdotal e sacramental. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. Na Igreja, comunidade profética, o testemunho da vida em Cristo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A Igreja é Comunidade de carismas. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A missão universal da Igreja. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja:** 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. A tarefa missionária da Igreja nas suas relações com o mundo. In: AQUINO, Felipe. (Org). **A Igreja: 51 Catequeses do Papa sobre a Igreja**. Lorena: Cléofas. 2001.

_____. **Constituição Apostólica *Novo Millennio Ineunte***. Vaticano: 2001. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. 15º ed. São Paulo: Paulinas. 2003.

_____. **Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa***. Vaticano, 28 jun. 2003. Disponível em:< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. **Memória e identidade**: Colóquios na transição do Milênio. Tradução não consta. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.

MONDIN, Battista. **Dicionário enciclopédico dos papas**: história e ensinamentos. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria. 2007.

OFFREDO, Jean. **O vermelho e o branco**. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1989.

TRUJILLO, Cardeal Alfonso López. A inspiração antropológica da mensagem pastoral de João Paulo II às Américas. In: Conferências do Congresso Internacional. **Antropologia e práxis no pensamento de João Paulo II**. Rio de Janeiro: Lumen Cristi, 1985.